N.º 46/JULHO 1975/ANO V

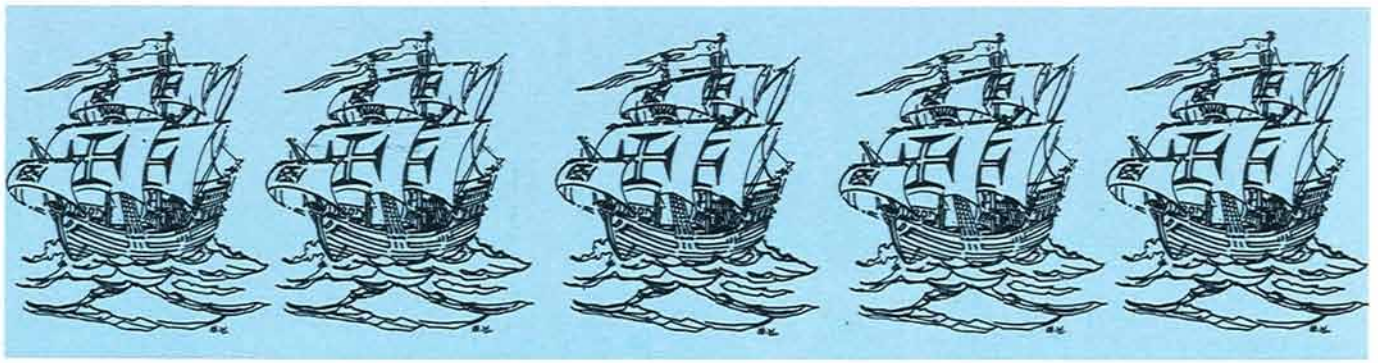
revista da ARMADA

pág. n.º 5

Da Academia dos Guardas-Marinhas à Escola Naval do Alfeite

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais** Os submarinos e a sua «Estação em Terra»	4
H. Fonseca	**Da Academia dos Guardas-Marinhas à Escola Naval do Alfeite**	5
Vários	**Voz da Abita**	8
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** À procura de uma inteligência Extra-Terrestre	10
M. Horta	**Saibam todos**	13
M. Horta	**Notícias Pessoais**	14
H. Bonjour	**A Pablo Neruda**	15
O. Lemos	**A mina nunca será uma arma ultrapassada**	16
M. do Vale	**Conversa entre Marinheiros... Da «Nau de Pedra»**	19
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	22
G. Brandão	**Filatelia**	22
M. do Vale/S. Elpídio	**Curiosidades**	24
S. Elpídio	**Reportagem**	25
Vários	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração

Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 46/JULHO 1975/ANO V

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

Bandeira da Companhia dos Guarda-Marinhas (Face da imagem).
(Foto 2.º sarg. CM Ramiro Magalhães).

N.R.: – De acordo com a opinião que nos tem sido manifestada pela maioria do pessoal da Armada, o cabeçalho da capa da nossa Revista volta a ser o primitivo.

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

Nota de Abertura

5º

MAIS UM ANIVERSÁRIO

E vão quatro... E a «nossa Revista» vai singrando, uns números melhor outros pior, como todas as outras afinal. A verdade é que ela está cada vez mais arreigada no coração de todos os marinheiros de verdade, e até dos que o não sendo, estão ligados à Armada, pela profissão ou pelos sentimentos.

Alguém definiu a Revista como sendo, para os que já estão afastados do serviço, «a única brisa marítima que mensalmente lhes entra pela porta, único ar salgado que lhes é dado respirar». A definição é tão perfeita que lhe não tiramos, nem acrescentamos uma só palavra. Traduz perfeitamente o que nós queremos que ela seja.

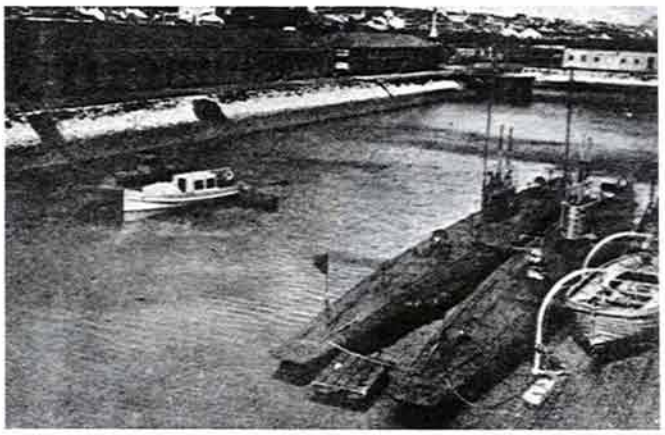
Quatro anos de preocupações... é justo, porém, salientar que, além de colaboração que insistentemente temos pedido, nada nos falta. «Lá de cima» temos tido sempre o mais completo apoio material e moral.

Pela nossa parte temos procurado corresponder, fazendo o melhor que podemos e sabemos. Tudo merece esta Marinha que escreveu a letras de oiro, com a esteira dos seus navios, as mais belas páginas da nossa história.

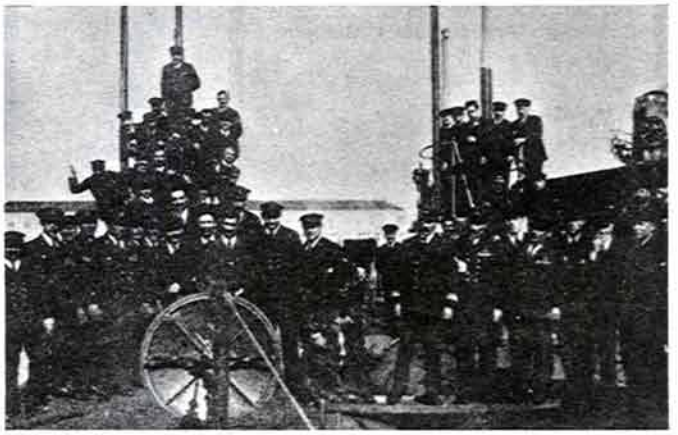
Com.

Efemérides Navais

Os Submarinos e a sua «Estação em Terra»



Um aspecto da «Estação em Terra dos Submersíveis» (Foto tirada em Abril de 1925).



Guarnição da Esquadrilha de Submarinos, no ano de 1925, ainda instalada na Doca de Belém.

Quando em 1913 a Armada portuguesa teve o seu primeiro submarino – o «Espadarte» –, houve que criar nesse mesmo ano uma «Estação em terra» (hoje dir-se-ia «base») para aquele submarino e os outros três que se lhe seguiram (1918).

Assim, nasceu a chamada «Estação em Terra dos Submersíveis», que se situou na Doca de Belém, em Lisboa. Nos primeiros tempos não passaria de um velho barracão «que se perdia a um canto da Doca» e a «metade da canhoeira-torpedeira «Tejo», que ficou do seu encalhe nas Berlengas, flutuando amarrada defronte do barracão».

Com a guerra de 14, a «Estação» haveria de se modificar, e a Doca cingiu-se de pavilhões «que a estreiteza do trato do terreno disponível em volta da Doca teve de tornar magros e compridos», porquanto já o número de submarinos era quatro – «Espadarte», «Golfinho», «Foca» e «Hidra».

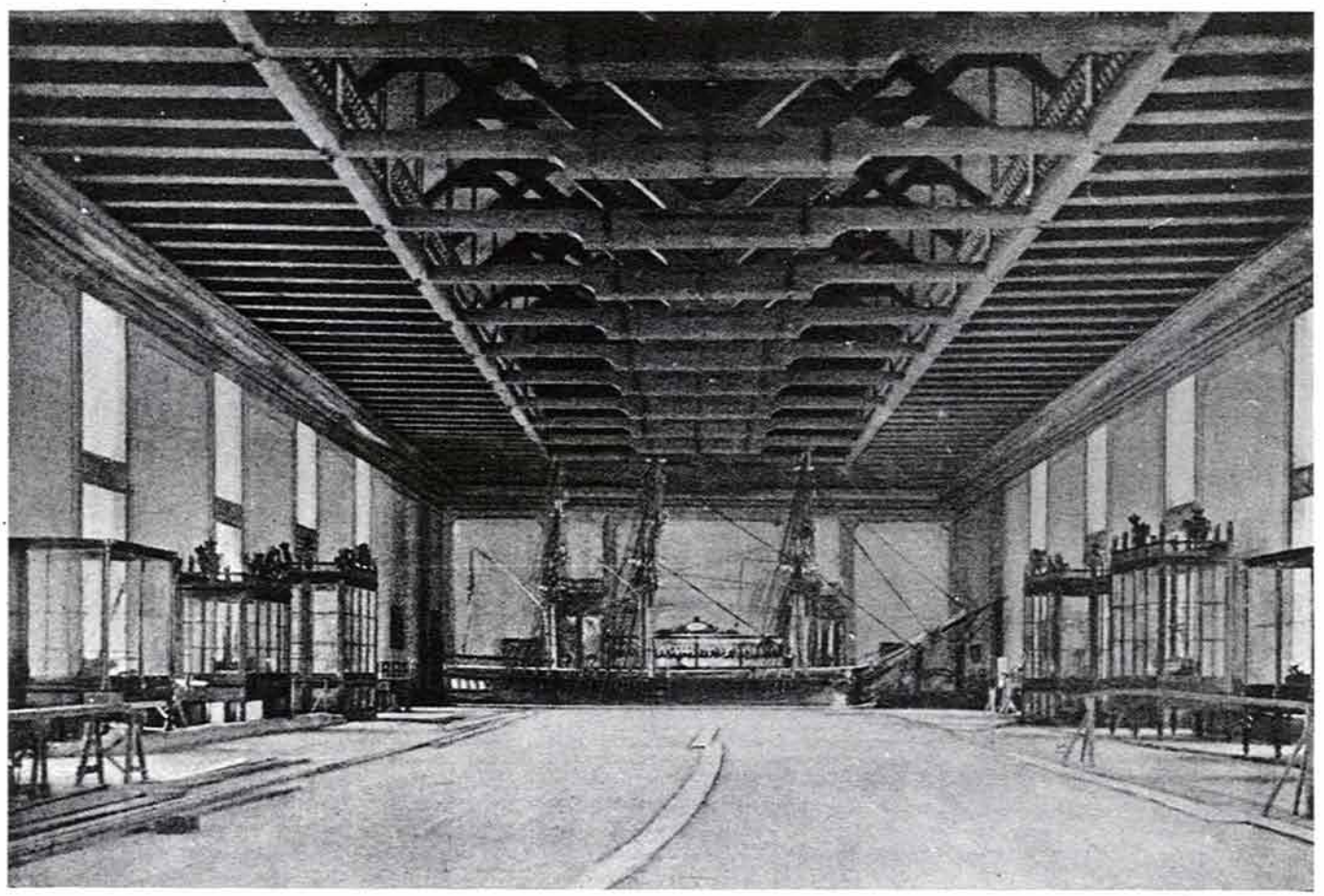
M. Horta
Sarg.-aj. L

MOÇAMBIQUE INDEPENDENTE

Em virtude de, como se sabe, a Revista estar preparada cerca de um mês antes da sua publicação, não é possível neste número tratar o assunto em pormenor, o que faremos no próximo.

Para já, a «Revista da Armada», como porta-voz da Corporação, saúda efusivamente o novo País irmão – o quarto de língua portuguesa –, desejando-lhe as maiores felicidades e prosperidades.

Da Academia dos Guardas-Marinhas à Escola Naval do Alfeite



A Sala do Risco, vendo-se ao fundo a corveta «Paciência», da antiga Escola Naval, que funcionou no velho Arsenal da Marinha.

Os oficiais da minha geração ainda frequentaram a Escola Naval da Rua do Arsenal, que funcionava no 1.º e 2.º andares da ala oeste do edifício do Ministério da Marinha. A instrução de infantaria e ginástica era dada na antiga Sala do Risco do velho Arsenal. A Escola funcionou naquelas instalações durante muitos anos, até ser transferida para o Alfeite mas não foi este o primeiro estabelecimento de ensino dos oficiais da Armada.

Até ao século XVIII os oficiais da Armada eram recrutados de várias origens. Além dos nobres que abraçavam voluntariamente a carreira, os mestres e pilotos das naus tinham, em determinadas condições, acesso a oficiais. O mesmo acontecia aos sargentos-de-mar-e-guerra que, embora alojassem à proa, eram considerados oficiais. Mas, até oficiais do Exército podiam transitar para a Marinha de Guerra, bem como oficiais da Marinha Mercante, estes últimos normalmente como recompensa por feitos em combate com corsários. O quadro de oficiais da Armada era portanto bastante heterogéneo.

O Marquês de Pombal tentou regularizar o recrutamento, criando, em 1761, a classe de guardas-marinhas, em número de 24 com a graduação de alferes de Infantaria. Deviam ser de origem nobre ou filhos de oficiais generais ou superiores e tinham instrução prática a bordo. O primeiro guarda-marinha foi Marcos da Cunha, filho dos Condes de S. Vicente, que embarcou com nove anos e antes dos catorze foi promovido a tenente-de-mar, posto que correspondia a capitão de Infantaria. Contudo, os guardas-marinhas revelaram pouco aproveitamento, o que levou o Marquês de Pombal a extinguir a classe em 1774. Determinou então que em cada nau ou fragata

embarcassem seis rapazes de 12 a 16 anos que eram denominados «voluntários exercitantes». Venciam como grumetes e deviam dar provas da sua capacidade em exercícios e manobras para poderem ser promovidos a sargentos-de-mar-e-guerra tendo depois acesso a tenentes-de-mar.

Em Julho de 1781 embarcou como «voluntário exercitante» D. Domingos Xavier de Lima, mais tarde Marquês de Niza e ilustre almirante, cujo valor foi reconhecido por Lord Nelson. Foi promovido a tenente-de-mar com um ano de voluntário. Mas este sistema também não se revelou conveniente, dado que poucos «voluntários exercitantes» mereciam informação favorável dos respectivos comandantes para promoção a oficiais. A instrução exclusivamente prática a bordo parecia assim insuficiente para a preparação dos oficiais.

Deve-se ao grande ministro da Marinha Martinho de Melo e Castro a fundação da primeira escola para a preparação de oficiais das marinhas de Guerra e Mercante, a Academia Real de Marinha, fundada em 1799. Os alunos frequentavam um curso à base de Matemática, regido por três professores equiparados a lentes universitários.

Fachada principal do edifício da Escola Naval, no Alfeite.

Átrio do auditório da actual Escola Naval.

Em 1782, Martinho de Melo e Castro criou a Companhia dos Guardas-Marinhas, constituída por 48 elementos.

Os candidatos deviam ter mais de catorze e menos de dezoito anos, dar provas de nobreza, ou serem filhos de oficiais superiores da Armada ou do Exército. O quartel da Companhia era na Sala do Risco do Arsenal da Marinha, onde tinham instrução prática e militar. Os guardas-marinhas frequentavam as aulas da Academia de Marinha, instalada no antigo Colégio dos Nobres, hoje Faculdade de Ciências de Lisboa (1).

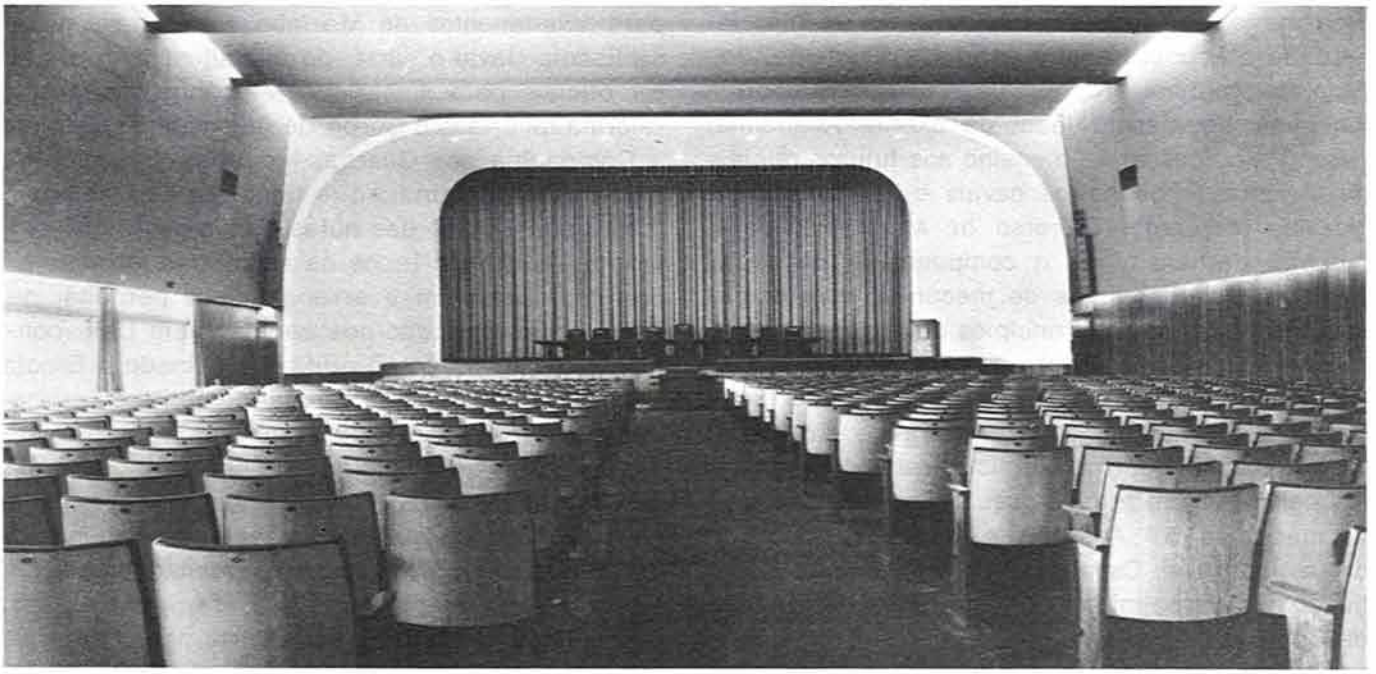
O número de guardas-marinhas foi aumentado para 60 em 1782, e criados 24 aspirantes. A idade de admissão passou a ser dos doze aos dezasseis anos.

Em 1796 foi fundada a Academia Real dos Guardas-Marinhas que ficou instalada na Sala do Risco e dependências anexas, onde já funcionava o quartel da Companhia dos Guardas-Marinhas. O curso da Academia dos Guardas-Marinhas era similar ao da Academia de Marinha e alguns dos lentes eram comuns às duas Academias.

Os candidatos faziam um exame de admissão e eram alistados como aspirantes.

No fim do primeiro ano eram promovidos a guardas-

(1) O Colégio dos Nobres foi fundado pelo Marquês de Pombal, em 1761. Quando da criação da Academia de Marinha, foram cedidas algumas salas do Colégio para o seu funcionamento, podendo os colegiais aproveitar os estudos da nova Academia.



Aspecto do auditório da actual Escola Naval.

-marinhas e no fim do curso a segundos-tenentes, posto criado em 1789. Podiam também ser admitidos como guardas-marinhas alunos da Academia de Marinha que revelassem boa aplicação e habilidade, mesmo sem terem feito prova de nobreza. Estes tinham a designação de «voluntários» e eram obrigados a um certo número de tirocínios no Observatório Astronómico do Arsenal da Marinha, para poderem ser promovidos a segundos-tenentes.

Em 1800 foi determinado que apenas teriam acesso a segundos-tenentes os guardas-marinhas com os estudos e tirocínios completos, os «voluntários» que tivessem o curso de construção,aparelhagem, táctica naval e artilharia e os primeiros pilotos das naus com cinco anos de exercício neste posto. Procurava-se assim sistematizar o recrutamento dos oficiais da Armada.

Quando em 1807, a família real embarcou para o Brasil, para fugir às tropas de Junot que ocupavam Portugal, a Companhia dos Guardas-Marinhas embarcou na nau «Conde D. Henrique». Seguiram a bordo, além dos lentes da Academia, a Biblioteca, o Arquivo, a Bandeira da Companhia e os instrumentos do Observatório Astronómico. No Rio de Janeiro, a Academia dos Guardas-Marinhas foi instalada em dependências do Mosteiro de S. Bento e ali permaneceu até 1839. Esta Escola foi o embrião da Escola Naval brasileira.

Durante os anos que se seguiram à retirada da família real para o Brasil a admissão de oficiais na Metrópole fez-se apenas com voluntários oriundos da Academia de Marinha, que funcionava, como já dissemos, na actual Faculdade de Ciências de Lisboa. Os alunos da Academia dos Guardas-Marinhas que não adoptaram a nacionalidade brasileira regressaram a Portugal em 1825. A Academia voltou a funcionar nas dependências anexas à Sala do Risco mas o quadro de professores ficou incompleto, obrigando os alunos a frequentar na Academia de Marinha as cadeiras de matemática e de preparação comum às marinhas de Guerra e Mercante. Em 1832 foram abolidas pelo Governo liberal as provanças de nobreza para a admissão na Companhia dos Guardas-Marinhas e extinta a classe de voluntários que já não tinha razão de ser, uma vez que o alistamento na Academia ficava aberto a todos os candidatos, desde que tivessem mais de dez e menos de quinze anos, boa constituição e soubessem ler e escrever correctamente e fizessem as operações aritméticas. Além disso, podiam alistar-se candidatos com mais de quinze anos, mesmo sem terem frequentado a Academia dos Guardas-Marinhas, mas deviam fazer um exame sobre as matérias do curso e uma viagem num navio de guerra.

Em 1836 foi extinta a Academia Real de Marinha e criada em sua substituição e com os mesmos lentes a Escola Politécnica. As cadeiras professadas nesta Escola eram Matemáticas, Ciências Naturais, Física, Química, Mecânica e Economia Política. No plano de cursos deixou portanto de figurar o estudo da Náutica. Este facto causava embaraços ao ensino dos alunos da Academia dos Guardas-Marinhas, pelo que continuou a funcionar na Escola Politécnica a cadeira de Trigonometria Esférica e Navegação Teórica e Prática destinada ao curso da Academia dos Guardas-Marinhas. Os alunos desta frequentavam também as cadeiras de Álgebra e Cálculo da Escola Politécnica. Este sistema vigorou durante alguns anos embora revelasse inconvenientes, por manter os alunos da Academia afastados durante muitas horas do seu quartel da Sala do Risco, onde recebiam a formação militar.

Finalmente, por decreto de 23 de Abril de 1845 foi fundada a Escola Naval e extinta a Academia dos Guardas-Marinhas. Na Escola Naval, que ficou a funcionar no mesmo local da extinta Academia, passou a processar-se o ensino aos futuros oficiais de Marinha, engenheiros navais e aos pilotos da Marinha Mercante. O curso de Marinha tinha a duração de dois anos e compunha-se de cinco cadeiras: 1.ª Elementos de mecânica, astronomia esférica e náutica; 2.ª Princípios de óptica, construção e uso de instrumentos de reflexão; Prática de observações astronómicas e de cálculos de navegação; 3.ª Artilharia, teórica e prática, princípios de fortificação, geografia e hidrografia; 4.ª Elementos de arquitectura naval, seu desenho e desenho de máquinas; 5.ª Aparelho e manobra; princípios de táctica naval. Os alunos da Escola Naval constituiam um corpo militar que manteve a designação de Companhia dos Guardas-Marinhas, com quartel na Sala do Risco. Os guardas-marinhas pertenciam à Companhia até à sua promoção a 2.º-tenente. Além destes, havia 30 aspirantes de 1.ª classe, 40 de 2.ª e um número indeterminado de aspirantes de 3.ª classe, fixado anualmente. Estes últimos frequentavam a Escola Politécnica, onde tiravam as cadeiras de preparatórios. A idade mínima de admissão era de 14 e a máxima de 17 anos.

Várias reformas teve o ensino na Escola Naval que não interessa neste artigo enumerar. Diremos, contudo que na reforma de 1868 foi criado o curso de engenheiros maquinistas navais e na reforma de 1887 foi estabelecido que a Escola devia ministrar instrução teórica e técnica e educação militar aos indivíduos que se destinassem a qualquer das classes de oficiais havendo, além do curso de Marinha com a duração de dois anos, o curso de Engenheiros Construtores Navais também de dois anos, o curso de oficiais de Fazenda, com a duração de um ano, o curso de Maquinistas Navais com a mesma duração e o curso de Engenheiro Hidrógrafos, para 1.ºs-tenentes de Marinha. Funcionava ainda na Escola Naval o curso de pilotagem para preparar oficiais para a Marinha Mercante. Na mesma reforma foi criado o Corpo de Alunos que substituiu a Companhia dos Guardas-Marinhas. Em 1924 foi organizado o Internato que ficou instalado no pavimento superior ao das aulas na ala oeste do edifício do Ministério. Todos os aspirantes, excepto os casados, passaram a arranchar e a pernoitar na Escola com excepção dos capelães. Em 1936, concluida a construção do edifício destinado à Escola Naval no Alfeite, foram transferidas para ali as instalações. No edifício do Ministério continuou a funcionar a Escola Náutica, criada em 1924, destinada a preparar os oficiais da Marinha Mercante. Esta Escola foi por sua vez recentemente transferida para um belo edifício construido propositadamente em Paço de Arcos.

O regulamento de 1937 suprimiu o posto de aspirante. Os alunos durante o curso na Escola passaram a ser designados por cadetes, não tendo direito a continência. As instalações do Alfeite compõem-se de um corpo destinado às aulas, internato, refeitório, ginástica, parada, campo de jogos e quartel para os sargentos e praças. Em 1967 foi prolongada a parte norte do edifício escolar e construidos um auditório, um bar e quartos para os oficiais. Existem ainda instalações oficiais, uma biblioteca e um museu.

Presentemente está em construção um novo quartel. O regulamento da Escola Naval, presentemente em vigor, voltou a criar o posto de aspirante.

Os alunos do primeiro ano são cadetes e os dos anos seguintes aspirantes. O curso é de quatro anos para todas as Classes: Marinha, Engenheiros Maquinistas Navais e Administração Naval. Na Escola Naval funciona também o Curso de Formação de Oficiais da Reserva Naval.

Henrique A. Fonseca
Cap.-m.-g.

Voz da Abita

CARTA DO «PEZINHOS», CABO M

Digam o que disserem, esta coisa dos telefones não anda nada bem. Passam-se coisas que ninguém percebe, coisas que «até parece impossível». Quem me dera andar embarcado para não me arreliar com isto...

Há dias lá na Repartição onde eu trabalho, uma pequena que é 2.º oficial, afirmou categoricamente que na sua conta dos telefones do último mês, constavam duas chamadas misteriosas, uma para Bragança e outra para Castelo Branco, cidades onde nem ela, nem ninguém lá de casa conhece qualquer pessoa. Ainda pensou em reclamar mas, disseram-lhe que não valia a pena, porque «aquilo nunca falha»! Se lá constavam as chamadas é porque alguém as tinha feito, nem que fosse um fantasma!

Comigo passou-se ontem esta história de pasmar. Precisei de telefonar a um primo

meu que vive em Tondela, e vejam o que aconteceu.

Eu sei, e começo por confessar honestamente, que a culpa foi minha, mas... bem podiam dar uma ajuda quando vêem uma pessoa enrascada! Não tinha a «lista» à mão mas, lembrava-me vagamente que a informação dos números dos telefones pelas moradas, era dada pelo 12. Ao fim de dez ou vinte tentativas, apanhei-o livre.

— Minha senhora, agradecia que me desse o número do telefone de fulano de tal, em Tondela.

— Não é aqui...

— Então onde é?...

— Já disse que não é aqui...

E desligou sem me dar tempo de dizer... obrigado!

Resolvi seguir a numeração e marquei o 13.

— Serviço de despertar...

— Desculpe, foi engano.

Desta vez desliguei eu, antes que me mandassem... ligar para outro número! Marquei o 14. Não dava sinal. Passei ao 15.

— São 10 horas, 5 minutos e 27 segundos...

— Bolas, disse eu, e comecei a ficar nervoso...

Passei ao 16. Disse o que queria, mas a senhora, logo que falei em Tondela, cortou secamente a conversa e mandou-me... ligar o 08.

Finalmente estava «no caminho». Era realmente ali que davam a informação que eu pretendia. Mas...

— O número que V. Exa. pediu não consta da lista...

— Oh minha senhora, desculpe, mas eu tenho a certeza que esse senhor tem telefone...

— Já disse que não vem na lista...

— Veja lá bem...

Não sei o que ela respondeu porque estava tão furioso que desatei aos gritos. A senhora desligou, e fez muito bem. Eu não tinha o direito de ser malcriado. Tenho é que me ir habituando a estas extravagâncias da vida «da terra»...

Já farto e muito mal disposto, lembrei-me do velho rifão popular «não telefone, vá». E como não podia ir, por ser muito longe, escrevi um postal ao meu primo.

Os TLP têm sempre razão. Afinal a culpa era só minha por não saber, ou melhor, não me lembrar, que o meu primo não é só «Fulano de Tal», mas sim «Fulano de Tal e Tal». E como na lista se procura só por o «e tal»... nada feito! Ao fim e ao cabo fiquei com a impressão que, com um bocadinho de boa vontade e, visto que os telefones de Tondela não são assim tantos, me podiam ter feito o jeito de procurar o nome de «Fulano de Tal»...

De Cristina Maria da Silva Magalhães, leitora da nossa Revista, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Laranjeiro, 7-5-75.

«Queridos Senhores da «Revista da Armada»:

«Eu sou a Cristina Maria, tenho 10 anos e ando na 4.ª classe.

Gosto muito da Revista e fico muito contente quando o meu papá chega a casa com ela. Leio tudo o que na «Revista da Armada» vem escrito, até às vezes os versos que são tão bonitos.

«Não digam nada ao meu paizinho que eu escrevi porque ele pode não gostar que eu faça isto sem lhe dizer.

«No concurso n.º 44 lê-se (...).

«Termino enviando um beijinho para todos os amiguinhos que trabalham na Revista.»

N. R.: Pedimos desculpa pela inconfidência, mas, certamente, o paizinho não vai ralhar por teres escrito a carta.

Do nosso assinante e ex-1.º-gr. T Serafim Freitas Salgado, de Fafe, recebemos um postal que transcrevemos:

«Colegas: Os meus cordiais cumprimentos e os meus parabéns pela feitura do n.º

44 da nossa Revista, especialmente pelas rubricas que considero mais felizes — «Corpo de Marinheiros» e «Conversa entre Marinheiros... da «Nau de Pedra» com relevância para esta última, porquanto é sinal que a Revista «desce» também às cobertas, aos refeitórios, numa palavra, àqueles que são afinal a espinha dorsal da Marinha, os marinheiros sem galões.

«Penso até que seguindo a mesma linha, devia a «Revista da Armada» fazer reportagens noutras unidades trazendo até nós as vozes daqueles que para aí (Marinha) ficaram e que recordaríamos com saudade. (...).

«Um abraço amigo e se me permitirem um abraço também para o simpático «comodoro» de que nos fala a Revista na «Conversa entre Marinheiros...»

Do nosso assinante e ex-1.º-gr. F n.º 8695, Mário Cândido Rebelo, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Porto, 28-5-75.

«Informo V. Exa. que recebi a encomenda postal registada contendo duas capas para a «nossa» Revista, conforme solicitei. (...).

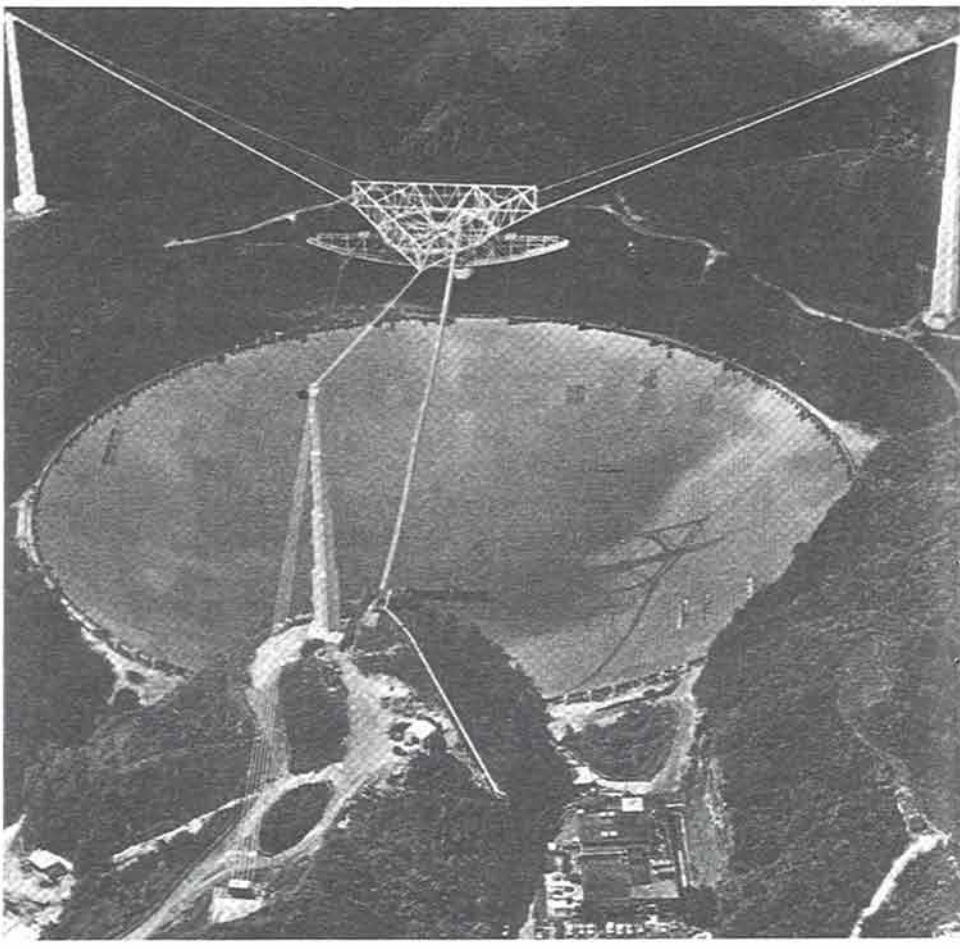
«Saiba V. Exa. que nas minhas veias corre água salgada, doença incurável, difícil de esquecer, pois que servi durante sete anos na nossa «Briosa», da qual me restam muitas saudades e recordações. Acredite que se fosse possível era capaz de me alistar novamente.

«(...) Talvez ainda um dia conte uma das muitas histórias verdadeiras vividas durante o meu tempo de Marinha.(...).»

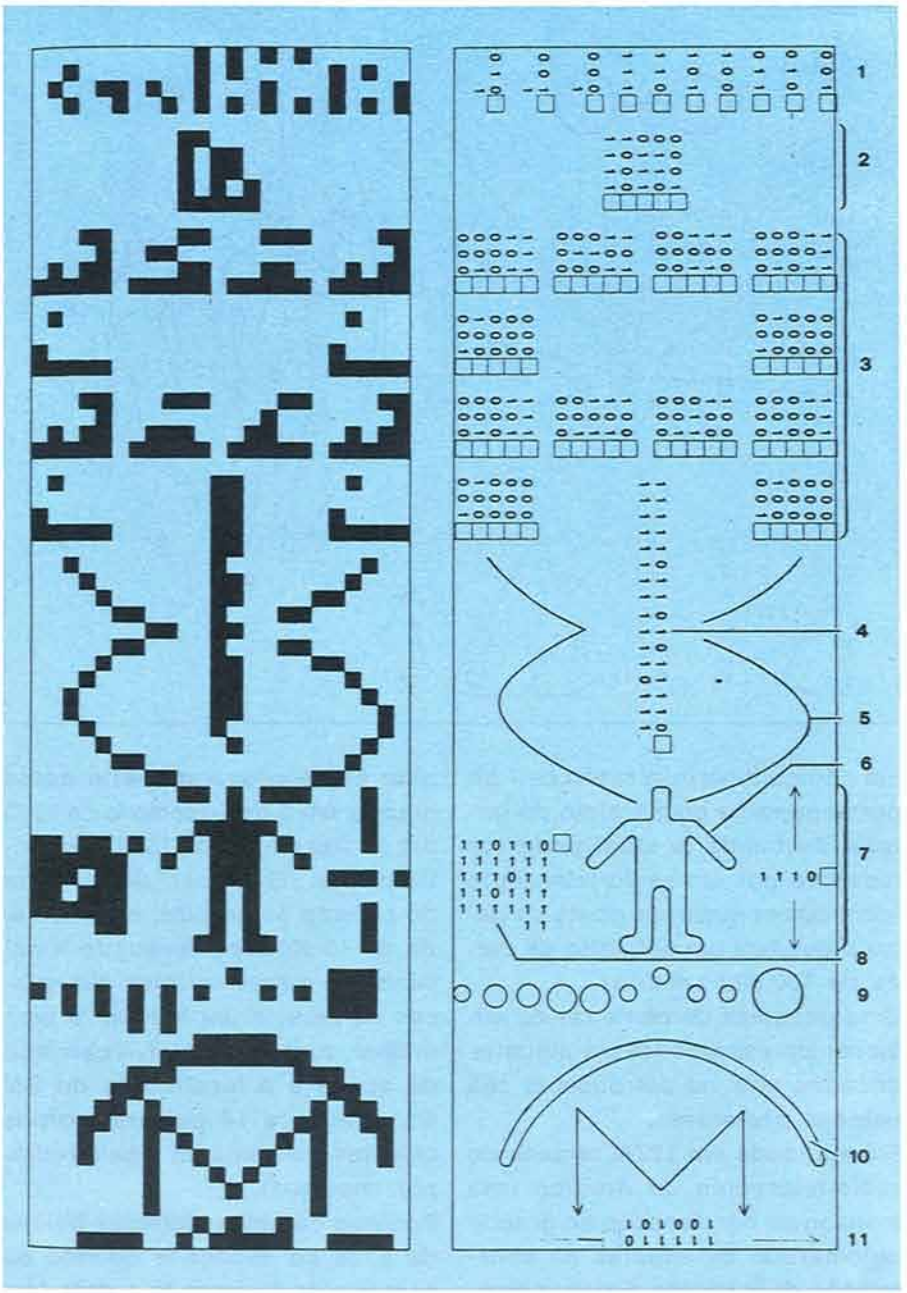
Ciências Artes e Letras

À Procura de uma inteligência Extra-terrestre

A probabilidade de existência de civilizações tanto ou mais avançadas que as da Terra, por esse Universo além, é de considerar. A probabilidade de detectar qualquer delas é, no entanto, pequena e para se concretizar exigirá um esforço muito grande. Os sábios interrogam-se acerca da possibilidade de comunicações inter-estelares no âmbito da nossa galáxia e essa especulação deixou o ambito da ficção científica para passar à fase experimental. Há radio-telescópios à escuta de eventuais mensagens inter-estelares ou inter-galácticas. Porquê? Porque se tem a certeza que há muitíssimas estrelas com sistemas planetários



O radiotelescópio de Arecibo com a sua antena de 1000 pés.



A mensagem de Arecibo depois de decifrada: 1 – Números de 1 a 10; 2 – Números atómicos para o hidrogénio, carbono, azoto, oxigénio e fósforo; 3 – Fórmulas para os acúcares e bases nos nucleótidos do DNA; 4 – Número de nucleótidos no DNA; 5 – Hélice dupla do DNA; 6 – O ser humano; 7 – Altura do ser humano; 8 – População da Terra; 9 – O sistema solar com a Terra deslocada na direcção do ser humano; 10 – O telescópio transmissor; 11 – Diâmetro do telescópio.

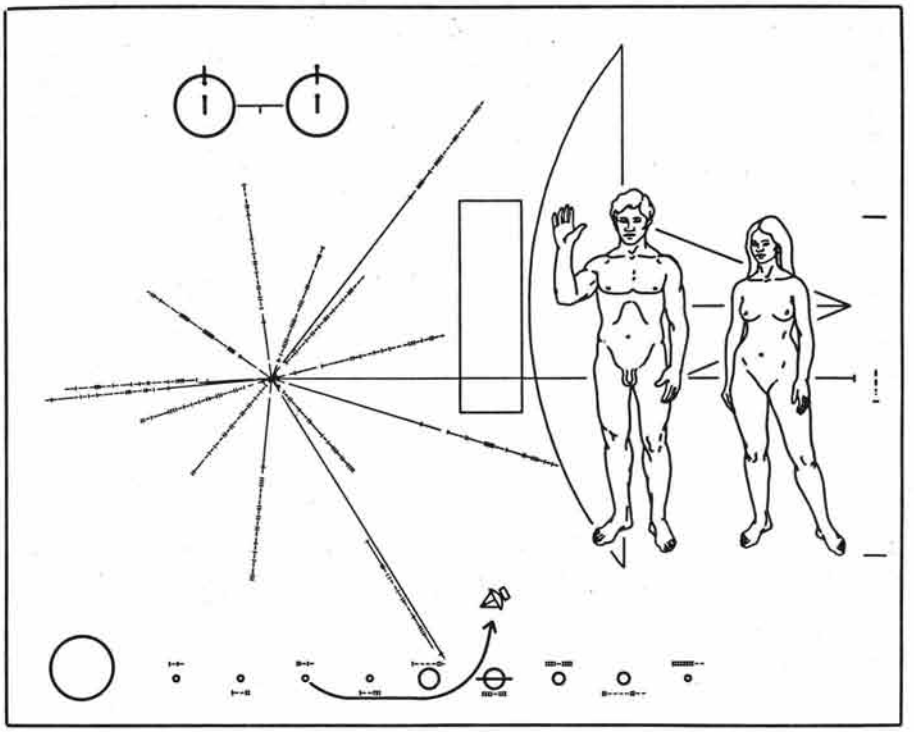
idênticos ao sistema solar. O conhecimento que já se possui dos processos envolvidos no aparecimento da vida e das condições físico-químicas para a sua eclosão permitem admitir que o mesmo se pode verificar noutros sistemas que não o solar. A nossa actual civilização dispõe já dos meios técnicos que permitem enviar mensagens rádio que podem atingir os limites da nossa galáxia e até ultrapassá-los.

Falta-nos apenas estabelecer um contacto, isto é, receber uma eventual mensagem emitida algures no Universo por uma civilização que dispusesse da adequada tecnologia para o efeito. Há razões para crer na existência de muitos sistemas planetários na vizinhança do Sol. Para os detectar, a técnica seguida tem sido esta:

Se uma estrela tem um planeta de massa significativa a girar em torno dela, o sistema terá um centro de massa em torno do qual ambos giram, centro esse que fica mais perto da estrela por ser de maior massa. O centro de massa descreve no seu movimento geral da galáxia uma linha recta em relação a estrelas distantes. A estrela, no entanto, por girar em torno do centro de massa descreverá uma linha sinusoidal. Isso permite concluir que uma tal estrela tem como companheiro um planeta e ajuizar até do seu período de translação e da respectiva massa. Tem-se feito isso para estrelas próximas do Sol. A estrela mais próxima do Sol é a Alpha do Centauro a quatro anos-luz (a luz percorre 300 000 Kms por segundo, portanto multiplique isso pelo número de segundos do ano e o resultado por quatro para ter a distância em quilómetros) mas trata-se de um elemento de um sistema de três estrelas. A estrela simples mais perto do Sol é uma anã vermelha de pequeníssimo brilho chamada Barnard e que está a seis anos-luz do sistema solar. Pois sabe-se que tem dois planetas pelo menos com a massa aproximada da de Júpiter. Está averiguado que metade das doze estrelas simples mais próximas do Sol têm planetas. Isto permite uma esperança!

As moléculas básicas para a formação de organismos vivos são, na Terra, as proteínas e os ácidos nucleicos; aquelas são formadas por amino-ácidos e estes por nucleótidos. A primitiva atmosfera da Terra tinha, aliás como o resto do Universo, hidrogénio e compostos de hidrogénio como sejam o metano, amónia e água que em presença da radiação ultra-violeta podem conduzir à formação de amino-ácidos, açúcares e bases de azoto que por sua vez são o material formativo dos nucleótidos. As mesmas condições prevalecem noutros planetas do sistema solar, sendo legítimo admitir que existam noutros sistemas planetários a avaliar pelo tipo de moléculas existentes no espaço inter-estelar. Todas as conjecturas acerca da possibilidade de vida extra-terrestre carecem no entanto de confirmação real. É essa confirmação que está nos objectivos do plano

A placa gravada, montada nas sondas Pionner.



Viking que pretende fazer descer em Marte, no Verão do próximo ano, um veículo capaz de fornecer informações sobre micorganismos ou seres vivos mais diferenciados. Calculando-se que haja 100 biliões de planetas com possibilidades de albergar a vida, as melhores estimativas permitem supor a existência de 1 milhão de civilizações no estádio da nossa ou mais avançado. Distribuídas ao acaso através do espaço a distância provável entre nós e a que nos ficar mais próxima seria de 300 anos-luz. Sendo as comunicações rádio as mais rápidas possíveis (por terem a velocidade da luz) segue-se que uma comunicação, a estabelecer-se, demoraria 300 anos para ir e 300 anos para obter resposta. É muito para mortais como nós! O que não quer dizer que não haja por esse Universo além quem dure isso e até mais; porque não?

Se o estabelecer de um diálogo se afigura impossível o mesmo não se dirá de uma eventual intercepção de emissões; nada nos impede também de enviarmos mensagens ao acaso por esse espaço além... Os rádio-astrónomos começaram em 1960 um programa de pesquisas de eventuais inteligências extra-terrestres.

Começaram por estrelas perto do Sol e que lhe são idênticas como a Epsilon Eridani a 12 anos-luz e Tau Ceti à mesma distância. Os resultados foram negativos o que também não admira. Se houver um milhão de civilizações em 200 milhões de estrelas que tem a galáxia só ao fim de 200 000 estrelas pesquisadas se poderá admitir a sorte de detectar uma. Por enquanto ainda se vai nas duzentas...

O rádio-telescópio de Arecibo em Porto Rico com a sua antena parabólica assente sobre uma cratera e que aproveita o movimento da Terra para orientação, tem sido empregado para enviar mensagens e tentar receber qualquer uma que eventualmente apareça. Em código binário, à razão de 1 bit por segundo e com 1 ciclo de largura de banda, o sinal pode ser recebido por um rádio-telescópio idêntico em qualquer ponto da galáxia que tem um diâmetro de cerca de 100 000 anos-luz.

Uma pesquisa de centenas de milhares de estrelas levará algumas décadas mas os astrónomos são homens pacientes...

Foi mandada em 1974, através do rádio-telescópio de Arecibo uma mensagem em direcção ao grande aglomerado de estrelas na constelação de Hércules. Foi uma mensagem especialmente preparada e que permite, além da informação que contém, obter um desenho esclarecedor da civilização que a originou.

Nas suas comunicações terrestres, o homem tem, de há vinte anos a esta parte, enviado para o espaço muita energia electromagnética que está agora a 20 anos-luz de nós. Tal energia é susceptível de ser interceptada por potentes radio-telescópios no Universo quando ela lá chegar.

Foram enviadas também para o espaço inter-estelar dois outros tipos de mensagens. Trata-se de duas placas idênticas, colocadas nas sondas espaciais Pionner 10 e Pionner 11 mandadas para Júpiter e que passaram perto desse planeta em 3 de Dezembro de 1973 e 4 de Dezembro de 1974, respectivamente. Qualquer delas sairá do sistema solar e irá, à velocidade de 16 Kms por segundo a caminho de outras estrelas. Nas placas se mostra um homem e uma mulher, o sistema solar, o caminho da sonda e a localização do Sol em relação a 14 pulsars (corpos celestes que emitem sinais rádio-por impulsos).

Poderão caminhar intactas biliões de anos no espaço e quando os continentes tiverem já outras formas e outro arranjo à superfície da Terra e a civilização se tenha transformado e a espécie humana tiver evoluído para uma outra espécie de seres, essas placas existirão ainda. Poderão então mostrar, algures no Universo que num ano a que chamaram 1973 houve organismos como os que as placas mostram que foram possuidores da necessária inteligência e tecnologia para partilharem as suas realizações com outros de que nunca chegaram a ter conhecimento.

O. Lemos
Cap.-frag.

Saibam Todos

Que por despacho do general chefe do Estado Maior do Exército passam a ter acesso aos Supermercados Militares, Sucursais e Delegações do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento, os militares de todas as graduações.

Que as praças só o poderão fazer devidamente uniformizadas e munidas do respectivo bilhete de identidade militar, para efeitos de controle, não sendo esta regalia extensiva às suas famílias.

Que por despacho do vice-almirante chefe do Estado Maior da Armada, de 14-4-75, deixarão de ser nomeados compulsivamente para comissões de embarque, salvo motivo de força maior, os sargentos e as praças com mais de 50 anos de idade.

Que para os efeitos acima referidos não se consideram situações de embarque os navios desarmados, na disponibilidade ou em fabricos demorados.

Que os sargentos e as praças embarcados que tenham sido nomeados para as presentes situações depois de terem completado 50 anos, poderão requerer o seu desembarque à 2.ª Repartição da D.S. Pessoal.

Que os militares da Armada e o pessoal civil do Ministério da Marinha poderão abastecer-se de gasolina nos parques da rede da SACOR dos concelhos de Lisboa e Almada, tal como já acontecia para os outros concelhos do Continente e Ilhas, mediante a entrega das senhas do modelo vigente, previamente adquiridas.

Que os beneficiários da Assistência na Doença aos Militares da Armada (ADMA) poderão adquirir medicamentos, dentro dos horários indicados, nas seguintes farmácias do país:

Farmácias do Exército:

Em LISBOA:

— Sucursal n.º 1

Rua de S. José, 34 (Tel. 367705) (Cooperativa Militar)

Das 09.00 às 18.45 h.

— Sucursal n.º 2

Av. Infante Santos (Tel. 666284) (r/c do antigo Pavilhão da Família Militar, com entrada pelo portão que dá acesso ao serviço de emergência)

Das 09.00 às 18.45 h.

— Sucursal n.º 2A

Rua da Artilharia Um (Tel. 682194) (junto ao Supermercado da Manutenção Militar)

Das 09.30 às 19.30 h.

— Sucursal n.º 2B

Largo da Boa-Hora (Tel. 641952) (edifício do Hospital Militar de Doenças Infecto-Contagiosas)

Das 09.00 às 18.45 h.

— Sucursal n.º 9

Rua do Grilo, 111 (Tel. 381144) (junto à Manutenção Militar)

Das 09.00 às 18.45 h.

— Delegação-Sede

Av. Dr. Alfredo Bensaúde (Olivais Norte) (Tel. 314162) (edifício do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos)

Das 09.00 às 13.00 e das 14.00 às 19.00 h.

Em ÉVORA:

— Sucursal n.º 3

Rua Diana de Lis (Tel. 22933) (junto ao Supermercado da Manutenção Militar)

Das 09.00 às 19.00 h.

Em TOMAR:

— Sucursal n.º 4

Av. General Bernardino Lima (Tel. 32681) (junto à estação do Caminho de Ferro)

Das 09.00 às 19.00 h.

Em COIMBRA:

— Sucursal n.º 5

Rua Vandelli (Tel. 23488) (Hospital Militar de Coimbra)

Das 09.00 às 18.30 h.

No PORTO:

— Sucursal n.º 6

Rua da Boa Vista, 240 (Tel. 7805) (junto ao Supermercado da Manutenção Militar)

Das 09.30 às 19.30 h.

Em SANTA MARGARIDA:

— Sucursal n.º 17

Campo Militar de Santa Margarida (Tel. 93283)

Das 09.00 às 18.00 h.

Que até ao fim de 1975, aos sábados encontram-se abertas dentro dos horários indicados e nas datas mencionadas, as seguintes farmácias do Exército:

Abertas das 09.00 às 18.45 horas

Sucursal	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
N.º 1	5-26	16	6-27	18	8-29	20
N.º 2 B	5-26	16	6-27	18	8-29	20
N.º 2 A	12	2-23	13	4-25	15	6-27
Del.-Sede	12	2-23	13	4-25	15	6-27
N.º 2	19	9-30	20	11	1-22	13
N.º 9	19	9-30	20	11	1-22	13

Farmácias da Marinha:
Em LISBOA:
— Delegação n.º 3
Campo de Santa Clara (Tel. 863141) (Hospital da Marinha)
Das 08.30 às 19.30 h. (2.ªs a 6.ªs feiras)
Das 08.30 às 13.00 h. (sábados)
Encerra no último sábado de cada mês.

No ALFEITE:
— Delegação n.2
Estrada das Barrocas (Tel. 270832) (no Supermercado da Fábrica Nacional de Cordoaria)
Das 15.00 às 19.30 h. (2.ªs feiras)
Das 09.00 às 19.30 h. (3.ªs a 6.ªs feiras)
Das 09.00 às 13.00 h. (sábados)
Encerra na última 6.ª feira de cada mês.

Que para que se possa efectuar a aquisição de medicamentos nas farmácias militares é necessário que o beneficiário seja portador do cartão de identificação da ADMA e de receita médica onde conste o seu nome e o número do seu cartão de identificação.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Casamento do 1.º-gr. CM 2461/73, Osmaro Achando, com D. Maria Odete da Costa Santos, realizado no passado dia 20 de Abril, na Igreja da N.ª S.ª das Mercês, em Lisboa.
A «Revista da Armada» endereça ao simpático casal as maiores felicidades.

Subten. RN Manuel José Dias de Sousa com D. Maria Marlene Lemos da Silva e Sousa, em 22-3-75.
Asp. AN RN José Manuel Cardoso Ramalho Barbosa com D. Maria Manuela Ferreira Loureiro, em 29-3-75.
2.º-sarg. ARE Jaime de Jesus dos Santos com D. Maria da Glória da Silva Barbosa, em 5-4-75.
2.º-sarg. H. José António Marques Evaristo com D. Maria de Lurdes Cabecinha Serra, em 26-4-75.
1234/Cabo E João dos Santos Miguel com D. Elisa do Carmo, em 16-4-75.
1181/64/Cabo FZ José Rodrigues Ferreira com D. Arlinda da Conceição Rebocho Melão, em 12-4-75.
2164/65/Mar. FZ Manuel dos Santos Barros com D. Maria Fátima Sendas, em 12-4-75.
1432/73/Mar. C Bernardo Jorge Monteiro da Silva com D. Angelina Marques de Sousa Alves, em 6-4-75.
3345/73/1.º-gr. S Diamantino de Jesus da Mota com D. Maria Arminda Ferreira, em 6-4-75.
3423/73/1.ºgr. A Francisco Neto Duarte Luís com D. Maria do Rosário de Jesus, em 5-4-75.
1141/74/2.º-gr. FZ Profírio Augusto da Cunha Antunes com D. Maria Adelaide da Silva Gonçalves, em 5-4-75.

PASSAGENS À RESERVA

2.º-ten. SG Francisco de Sousa Paeta, em 1-5-75.
1.º-sarg. A Manuel Francisco, em 15-5-75.
1.º-sarg. CM Eduino Alves Rodrigues, em 16-5-75.
1.º-sarg. ACM Joaquim Manuel Rodrigues de Oliveira, em 19-5-75.
1.º-sarg. T José Ângelo Mendes Correia, em 21-5-75.
1.º-sarg. CM Francisco Augusto de Sousa Guimarães Lima, em 20-3-75.
1.º-sarg. CM Manuel de Castro, em 1-4-75.
1.º-sarg. A Inácio Galante, em 21-4-75.
1.º-sarg. H Almiro Nobre Gregório, em 13-5-75.
1.º-sarg. H. António Guinapo Caeiro, em 9-5-75.
1.º-sarg. H António Faustino Fortunato, em 9-5-75.
1.º-sarg. R Jaime Rosário André, em 19-5-75.

APOSENTAÇÕES

Em 31-5-75:
António Maria Rodrigues, cabo-de-mar de 1.ª classe do Q.P.C.M.D.N. (M).
João Dias Homem de Gouveia, 2.º-faroleiro do Q.P.C.M.D.N. (M).

FALECIMENTOS

2.º-ten. SG RA Manuel Margarido, em 23-5-75.
Sarg.-aj. CM Carlos da Cruz Montezinho, em 4-5-75.
1062/70/Mar. FZE Luís Manuel Diogo Carneirinho, em 3-5-75.
748/73/Mar. E Fernado Rodrigues Ferreira, em 1-5-75.
1595/73/Mar. L José Manuel de Almeida Bastos, em 11-5-75.
794/75/2.º gr. FZ Manuel Luís Rodrigues, em 27-5-75.
796/75/2.º-gr. FZ Octávio Rodrigues Pinto, em 17-5-75.
801/75/2.º-gr. FZ Jaime Duarte Neto, em 16-5-75.
Manuel Francisco Rebelo, servente especializado do Q.P.C.M.D.N. (M), em 11-5-75.

A PABLO NERUDA

O POETA morreu...

Vieram turistas, tiraram retratos.
«Que desilusão!»
Não tinha nos dedos bailado de ondas,
nem gestos d'azul, nem cores da manhã,
nem estrelas nos olhos, nem risos de sol;
o rosto era pálido, as mãos descarnadas,
sem veias d'espuma, nem asas de vento.
«Que repugnância um poeta morto!
Um misto de pó, sangue e excremento.»

Partiram lograd os
com o tempo perdido.
«Era aquilo um poeta? Que aborrecido!»

Não devorou homens, não roubou países,
não violou leis, não matou crianças.
«Que aborrecido um poeta morto!
Para quê, seu retrato?»

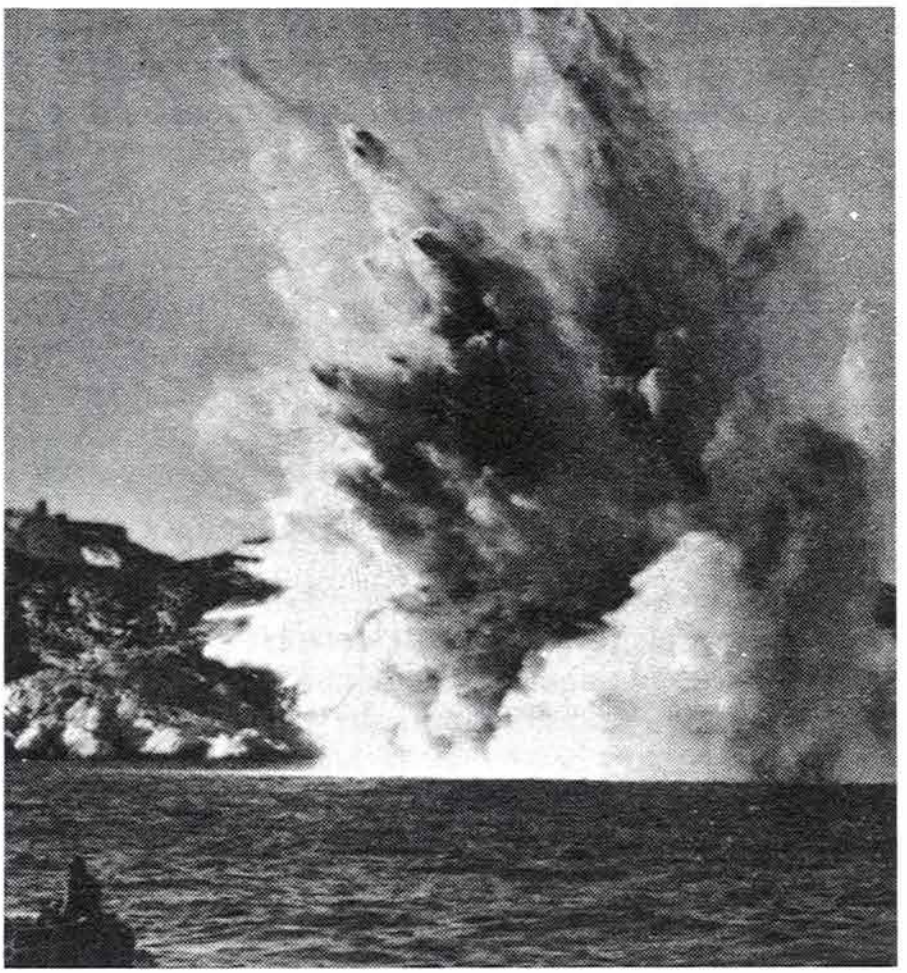
E mostrar a quem
seus versos de paz?
Seus gestos libertos,
meninos e puros?
Seu canto de vida?
Seu hino de amor?
«Morreu um poeta?!... E isso que tem?...»

E só eu ali fiquei,
neste jeito de ver nuvéns no chão,
e prata no mar, e pingos de sol na noite deserta,
sentindo a jangada dos meus sonhos, naufragar,
no pranto salgado que foi deslizar
no rosto sem luz do pobre POETA!

Helena Luísa M. Coentro Bonjour
Funcionária da D. S. E. C.

A Mina nunca será uma arma ultrapassada

(Adaptação do artigo «La mine ne capitule jamais», inserto na revista «Cols Bleus» de 11 de Janeiro de 1975.)



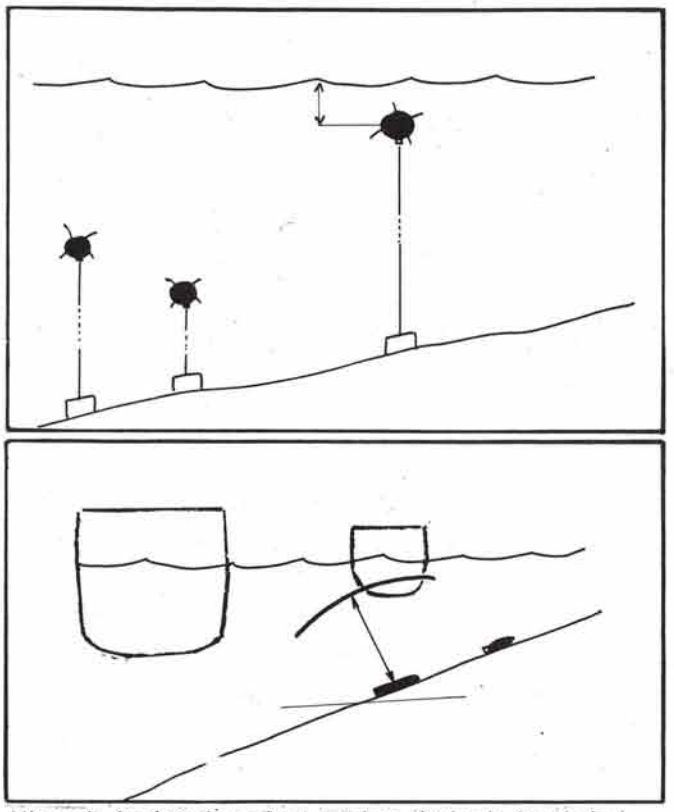
Rebentamento de uma mina.

Só os neófitos poderão pensar que as minas são coisa antiga e que se terá encontrado para elas um melhor sucedâneo. Julgarão que o seu reinado terá findado com a Segunda Guerra Mundial. Na era dos mísseis, a mina parece realmente um anacronismo. No entanto, a história recente vem desmentir aquele pressuposto. Durante o ano de 1972 a marinha americana despejou nas costas do Vietnam do Norte um número impressionante de minas – 11 000. A Rússia, por seu lado, tem um stock colossal de minas de todos os tipos.

Apesar dos progressos técnicos na dragagem e da eficiência cada vez maior dos draga-minas e caça-minas, o certo é que a mina se vai defendendo a seu modo, incorporando sistemas e técnicas que as tornam «duras de roer» e que justificam plenamente esta divisa americana: «a mina nunca capitula».

A desminagem do Canal do Suez, por exemplo, apesar da cooperação multinacional, levou 9 meses. O que é afinal uma mina? Antes de mais, é uma carga explosiva submersa destinada a explodir à passagem dos navios. Há dois tipos principais de minas: as minas de fundear e as minas de fundo. As primeiras como o seu nome indica, ficam a flutuar um pouco abaixo da superfície da água aguentadas por um cabo amarrado a uma poita (bloco pesado) assente no fundo. Funcionam por contacto quando o casco do navio lhes bate à passagem. Foram empregadas pela primeira vez no século XIX, durante a guerra da Crimeia.

As vantagens deste tipo de mina residem na sua simplicidade e no seu grande poder destruidor pois rebentam em contacto com o casco. Têm o inconveniente das cargas explosivas serem limitadas pelo tamanho do flutuador que as sustenta.



Minas de fundear (em cima) e minas de fundo (em baixo).

Empregam cargas que vão desde 10 a 350 quilos. Porém, o mais grave dos inconvenientes é serem muito fáceis de dragar. As rocegas mecânicas cortam-lhes os cabos de fundear como quem corta bambus e as minas surgem indefesas à superfície aguardando apenas o tiro de misericórdia.

Para evitar estas contramedidas foi criada a mina de fundo que, como o nome indica, fica assente no fundo do mar ou do rio (naturalmente em fundos baixos para poder causar danos aos navios). O problema agora é encontrar um adequado mecanismo de fogo. O navio não contacta com a mina mas deverá accionar, por influência, o seu mecanismo de fogo. É claro que um navio, ao passar, provoca uma série de perturbações que podem ir desde variações do campo magnético até ruídos dos hélices e máquinas ou ondas de pressão criadas pelo deslocamento da água. Por isso se utilizam na prática três tipos de influência:

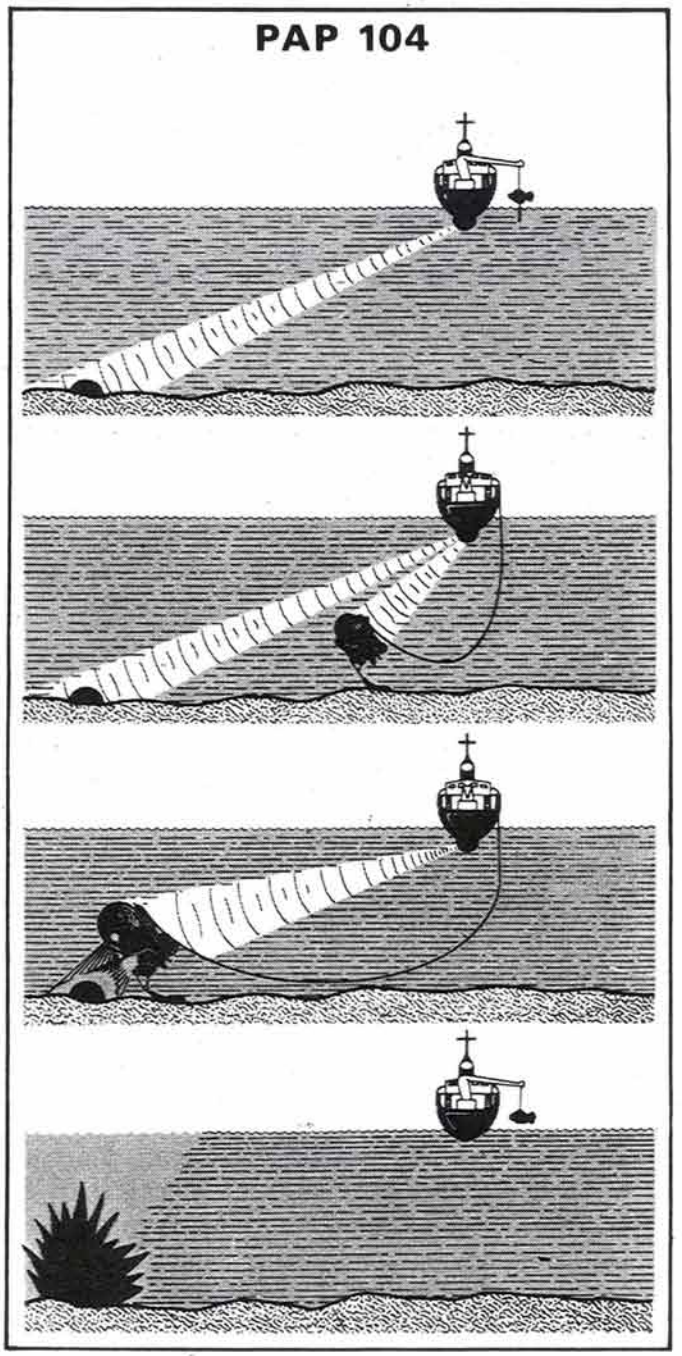
– Magnética; e teremos as minas magnéticas.

– Sonora; e teremos as minas acústicas.

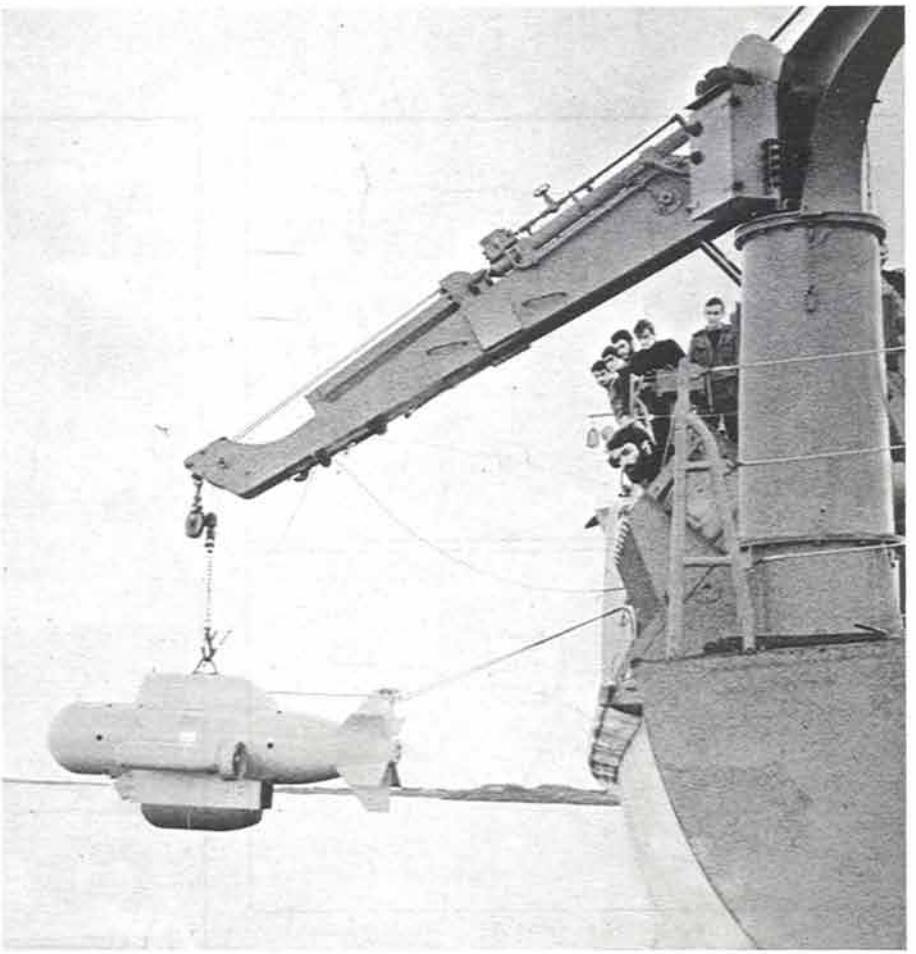
– Pressão; e teremos as minas de pressão.

Estas minas de fundo não têm limitações de carga explosiva e há-as da ordem da tonelada.

O seu único inconveniente é o de só serem utilizáveis em fundos baixos, caso contrário rebentariam longe do casco. Os mecanismos de fogo destas minas terão que ser selectivos para que não venham a explodir por efeito de tempestades magnéticas, ruídos do mar, pressões provocadas pela ondulação, passagem de grandes peixes, etc, etc. E também não interessa que venham a explodir à passagem de qualquer traineira miúda... O mecanismo de fogo é portanto regulado para funcionar apenas a partir de um certo nível de influência – aquele que corresponda a um navio que valha a pena... Aqui começam as dificuldades para os draga-minas. Há minas com contador de navios e só funcionam depois de um certo número de passagens. Por isso uma só dragagem não será eficaz. Os draga-minas têm que criar as perturbações que façam funcionar os mecanismos das minas longe do seu casco. Para tanto terão que ser eles próprios amagnéticos (usando na medida do possível a madeira e o latão como materiais de construção) e com baixo nível de ruído. Rebocam sistemas de rocega que criam campos magnéticos de grande intensidade ou vibrações sonoras de nível elevado consoante os tipos de mina que se pretendem roce-



Operação do PAP 104. De cima para baixo: Detecção, guiamento, identificação e destruição.



O PAP 104
prestes a ser lançado à água.

gar. As minas de pressão, no entanto, ficam indemnes à rocega porque um draga-minas não provoca deslocamento de água que faça actuar por pressão e depressão o mecanismo de fogo. E se o fizesse, seria uma vez um draga-minas...

O draga-minas é portanto um imitador de influências e tem que ser concebido por forma que ele próprio as não provoque.

O caça-minas ataca o problema de ângulo diferente. Não lhe interessam para nada os mecanismos de fogo; interessa-lhe a mina em si. A sua tarefa é localizá-las no fundo, identificá-las e destruí-las. Para tanto dispõe de um sonar específico. Logo que uma mina é localizada, será identificada por mergulhadores e depois destruída.

O interesse desta nova forma de atacar o problema é evidente. Deixam de interessar os mecanismos de fogo sofisticados, os novos tipos de minas, as armadilhas do inimigo, os contadores de navios e tudo o mais que se invente para iludir as rocegas.

A caça às minas compreende três fases:

– A detecção;
– A identificação;
– A destruição ou neutralização.

Os modernos caça-minas franceses, por exemplo, dispõem de um duplo sonar que permite não só detectar objectos no fundo do mar mas também ter uma ideia da sua forma. É capaz de individualizar destroços, ferros perdidos ou minas. Quando surge a probabilidade de mina, a respectiva equipa de mergulhadores procura fazer a identificação com vista a uma eventual destruição. Cada equipa é constituída por seis homens. São guiados até ao objecto pelo sonar do caça-minas. Para o efeito, o bote em que se deslocam leva imerso um reflector de sonar. A destruição, se é caso disso, é feita por meio de uma carga de plástico. Estes draga-minas dispõem ainda de um sistema teleguiado para identificação de minas – o PAP 104 – também chamado «peixe-automóvel». Tem propulsão própria, é guiado pelo sonar do navio e comandado por um cabo eléctrico que o liga ao caça-minas. A identificação é feita por aparelho de televisão e o engenho pode colocar uma carga de 100 quilos perto da mina. A propulsão é eléctrica e a energia é fornecida por bateria incorporada no aparelho e que alimenta também o projector para iluminação. É mantido a 2 metros do fundo por meio de um peso ligado por um cabo. A figura mostra as fases de detecção, guiamento, identificação e destruição. A destruição por meio de explosão da carga colocada pelo «peixe-automóvel» é telecomandada.

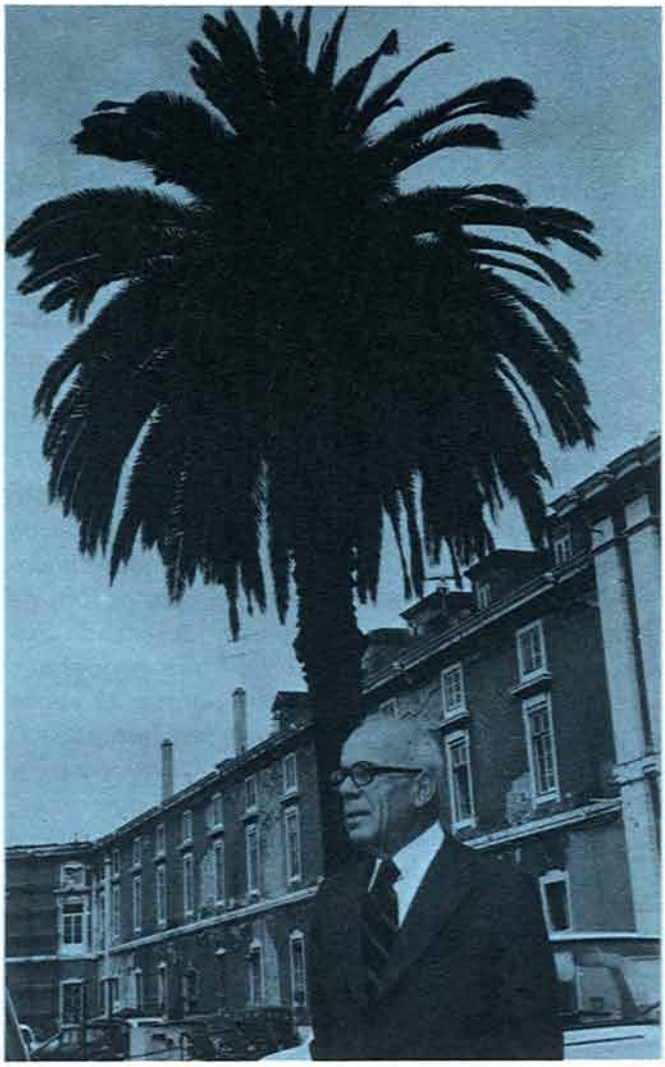
Apesar de parecer espectacular, o PAP 104 tem as suas limitações e não pode operar em fundo rochoso irregular; por esta razão as equipas de mergulhadores são, em certos casos, a única solução. Quando as minas estão enterradas ou dissimuladas em fundos rochosos os caça-minas nada conseguem. São então os draga-minas que têm a palavra. Por isso a guerra de minas exige uma completa panóplia de meios para lhe fazer face.

O. Lemos
Cap.-frag

Conversa entre Marinheiros... da «NAU de PEDRA»

Texto do com. M. do Vale
Fotos do 2.º-sarg. CM R. Magalhães

Hoje vamos dar uma volta pelo convés da Nau. Há sempre muita gente por ali; gente que faz parte da «guarnição» e gente que veio de fora tratar qualquer assunto e volta a sair. Mas o melhor é ver...



– Sou o «marinheiro sem farda» Alberto dos Santos Matos, chefe de secção do Q.P.C.M.M. Entrei para a Marinha, como escriturário, em Agosto de 1925. Vai fazer meio século!

«Mandaram-me para a Direcção das Construções Navais, e ainda hoje lá estou, embora as funções da Direcção sejam muito diferentes. Nesse tempo era ela que construia e reparava os navios, nas suas oficinas, integradas no complexo do antigo Arsenal; hoje apenas faz estudos de gabinete e fiscaliza as construções e reparações fora do Arsenal do Alfeite.

«Estou de alma e coração ligado à Armada e por isso sinto-me perfeitamente da «casa». Não admira, pois, que seja assíduo leitor da «nossa» Revista e viva com ela os problemas da Marinha.

«Lembra-se de, na «Nota de Abertura» do n.º 21 ter falado da palmeira que existe na parada, perguntando quem a teria ali plantado?

«Ora, eu conheço a história e vou contar-lha.

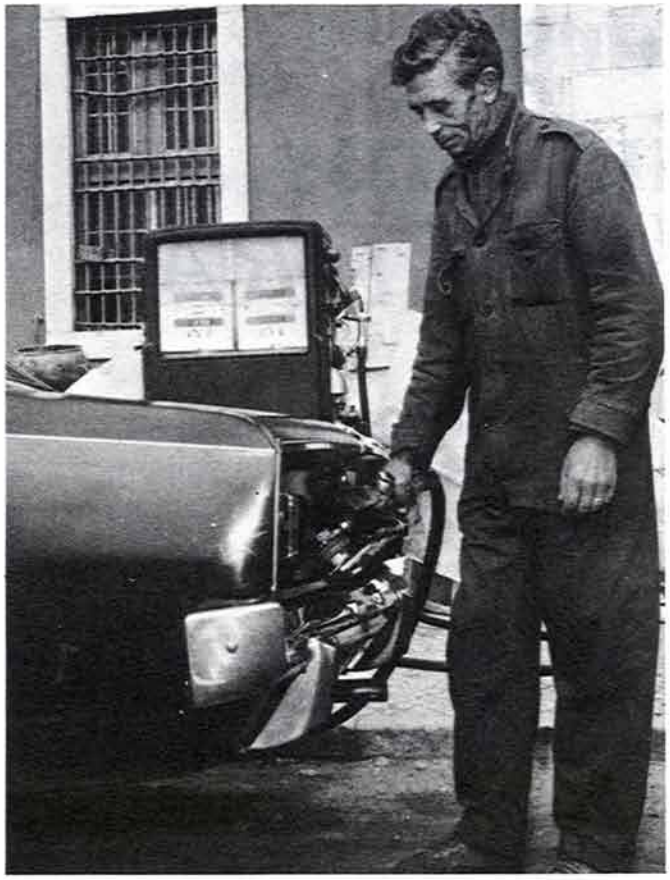
«Em 1915, quando do lançamento à água do contratorpedeiro «Guadiana», construído no Arsenal da Marinha, foram pedidos à Câmara Municipal, por empréstimo, vasos com plantas para ornamentar o local, como era da tradição. Ao devolverem-se esses vasos, um grupo de operários, que queria assinalar o acontecimento plantando uma árvore no local, «escamoteou» um dos vasos, exactamente o que tinha a palmeira de que estamos a falar.

«Com a demolição do Arsenal, em princípios de 1939, a palmeira, então com 24 anos de idade, correu sérios riscos de desaparecer, mas os arsenalistas estavam atentos e intercederam a seu favor.

«A palmeira para eles era uma espécie de «menina bonita», coisa sua, que muito estimavam e sempre defenderam.

«Também eu tive, mais recentemente de intervir quando se alcatroou a parada e se implantou nela o mastro de sinais. Mais uma vez foi salva no último momento...

«E já agora, se me permite, como o último arsenalista em serviço no Ministério, deixo aqui um apelo às gerações vindouras para que nunca a deixem deitar abaixo. Pelo muito que ela significa, nos seus 60 anos de vida e no passado cheio de história do velho Arsenal, deixem que ela morra de velhice.



– Eu sou o «Bacalhau», José dos Santos Bacalhau, fiel de depósito do Q.P.C.M.M. Sou Bacalhau propriamente dito, e não por alcunha como muita gente julga.

«Já lá vão 28 anos desde que vim para a Marinha. Considero-me por isso, um verdadeiro marinheiro...

«Sou encarregado das bombas de gasolina, nada menos de 5, uma dupla – gasolina normal e super – duas só de super e uma de gasóleo.

«Tenho muita «freguesia»; militares, desde almirante a grumete, e civis, desde chefe de secção a servente. São cerca de cem mil litros por mês que aqui se fornecem. Começo a trabalhar às 09.30 horas e paro às 18.30, com duas horas de intervalo para almoço. É sempre a aviar... Apesar disso, há dias em que se formam bichas enormes e então meto ajudante – o Serafim.

– Sou o 1.º-sargento M Norberto dos Santos e desempenho as funções de mestre das limpezas, incluindo as que dizem respeito à parada, convés da Nau, agora transformada, infelizmente, em parque de estacionamento de automóveis.

«Assentei praça em Janeiro de 1950. Dos 25 anos de Marinha, 21 passei-os a bordo – em patrulhas, draga-minas, fragatas, lanchas da Guiné e no navio-escola «Sagres».

«Gosto mais da vida dos navios porque há mais camaradagem. Cada guarnição é uma autêntica família.

«Conto embarcar novamente este ano, o que muito me agrada, porque há falta de pessoal de manobra para os navios.

«Recordações?

«Muitas, tantas que é difícil seleccioná-las assim de repente. Em todo o caso vou contar-lhe uma história que intitulo de «O enjoo do 15 000».

«Certo dia, em 1971, navegava o patrulha «Santo Antão» ao largo de Peniche, em serviço de fiscalização da pesca. O mar era de vaga larga e o navio dava muito balanço bombordo-estibordo. Entrei de sargento de quarto e, ao passar uma ronda, encontrei um grumete enjoado e deitado num coxim, na tolda. Nunca tinha visto um homem tão grande deitado e enroscado numa superfície tão pequena!

«Aconselhei-o a ir para o beliche porque as vagas invadiam a tolda e ele já estava encharcado. O «15 000» – era esta a sua alcunha – levantou-se e foi a correr vomitar dentro de um balde que ali estava perto. Qual não foi o meu espanto, quando o ouvi gritar: «Acuda-me senhor Mestre... ai que estou desgraçado... vomitei o coração!»

«Aproximei-me e vi a boiar na água do balde, não o coração do «15 000» mas, um bocado de cortiça com esse feitio, que por acaso alguém ali tinha deixado.

«Encontro às vezes o «15 000», que é agora marinheiro radarista e pergunto-lhe sempre como vai o seu coração... de cortiça. Ele ri-se e responde: «Aquilo é que era mar!»

– Para que serve este forno, sempre a deitar fumo?

– Serve principalmente para queimar papéis. Como se sabe, isto é um País de papéis e todos os serviços mandam montes deles para a fogueira...

– A propósito, senhor Mestre, vou-lhe eu contar

uma história passada há anos num navio de guerra que estava em comissão em Angola.

«Havia a bordo um bode que tinha a mania de comer papéis. Chegava a ingerir jornais inteirinhos!

«Um dia o Comandante do navio recebeu uma nota confidencial que não lhe agradou nada e ficou aflito com a resposta que tinha que mandar. Deu conta das suas preocupações ao Imediato que logo arranjou solução. Chamou-se o «Chico», era este o nome do bode, e ele resolveu o assunto...

– De quem são estas hortas?

– Todos sabem que nós, marinheiros, talvez pela lei dos contrastes, temos grande vocação para a agricultura. Logo que apanhamos um bocadinho de terra, cultivamos couves, cebolas, favas, ervilhas, pimentos...

«Quem trata disto é o cabo M José Padeiro, que é o jardineiro da Nau. Se ele pudesse, e o deixassem, transformava a parada num grande pomar. Diz ele que era muito mais bonito que vê-la cheia de automóveis...

– Senhor Mestre, vêem-se por aí muitos cães e gatos...

– Sim, muitos, ninguém sabe de onde vêm nem quem os traz. Como há muita comida dão-se por cá bem e até fazem criação. Ainda hoje encontrei um cão, ainda pequeno, quase asfixiado num buraco. Tirei-o e... é mais um!

– Eu? Sou o marinheiro TFD Américo Mendes Caldeira. Levo aqui a petisqueira para os senhores oficiais generais; hoje são iscas...

«Agora no convés da «Nau de Pedra», amanhã no da corveta «Afonso Cerqueira», para onde vou destacar, o meu fado é... dar de comer a quem tem fome.

– E qual é melhor?

– Sem dúvida que é esta Nau que não dá balanço nenhum. No entanto, visto que sou marujo, que remédio tenho senão marchar... Já tenho 13 anos «disto».

«Uma vez fui à Austrália na «João Belo» e fiz por lá um figurão. Usava umas barbas que me chegavam à cinta e até veio o meu retrato no «Times» de Sidney!

– E eu sou o «Psicológico», 2.º-grumete RM Sérgio dos Santos Francisco. Ajudo o Américo na messe dos senhores almirantes. Levo aqui o caldo verde...

«Porque me chamam assim?

«Se quere que lhe diga, não sei. Puseram-me esta alcunha na Escola de Caxias e agora hei-de ser «Psicológico» toda a vida...

«Se gosto da Marinha de Guerra?

«Gosto imenso. Pois não somos nós, de guerra ou mercante, todos da grande família do mar? Não lhe batemos cabeça, uns e outros?

«Faltam-me só dois meses para acabar o tempo. Levo saudades desta boa rapaziada mas, ao mesmo tempo vou contente porque vou ganhar dinheiro...

Terminologia Naval

DAR UM TORTOR – Amarrar ou apertar um objecto passando-lhe um cabo em volta e torcendo-o por meio de uma alavanca ou arrocho. Esta operação realizava-se com frequência nos antigos navios de madeira com o objectivo de aumentar a segurança do costado quando abria pelas costuras, devido à força do mar. Em calão naval significa dar uma descompostura ou tareia em alguém.

DAR VOLTA – Fixar um cabo pelo seio ou chicote, fazendo-o dar as voltas necessárias, a um cunho, cabeço, ou qualquer outro ponto fixo; terminar manobra ou serviço que se vinha executando. Em gíria de bordo o significado é cessar com a conversa ou o barulho.

DEBAIXO DE ESCOTA – Expressão que em calão naval designa a situação de pessoa ou objecto que se acha vigiado, debaixo de olho.

DEDAL – Disco metálico com muitas cavidades, fixo ao repuxo e destinado a firmar o fundo da agulha de coser.

DEFENSA – Almofada de cabo, lona ou sola, com enchimento de estopa ou cabos velhos, para colocar no costado do navio ou na borda das embarcações como protecção contra pancadas ou roçaduras.

DEITAR – Ter uma determinada velocidade; dar ou fazer o navio ou embarcação determinado número de nós.

DEIXAS DO MAR – Algas ou outras plantas marinhas ou fluviais, detritos, destroços, marcando na na praia as linhas do preia-mar e baixa-mar; também são conhecidas por arrojos do mar.

DEMANDAR MUITA OU POUCA ÁGUA – Diz-se do navio ou embarcação que necessita de muita ou pouca altura de água para flutuar.

DEMORAR A VOGA – Remar com voga moderada, isto é, com as remadas mais espaçadas.

DEPENDURADA – Diz-se duma vela não enfunada, caída por falta de vento.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

A celebração do Ano Santo que está a decorrer motivou a série que reproduzimos e que os nossos CTT puseram em circulação no passado dia 13 de Maio. De concepção moderna, os selos são atraentes e, quanto a nós, apenas pecam pelas cores que lhes servem de fundo, um tanto diferentes daquilo que supomos se pretendeu simbolizar. De qualquer modo, esta opinião pessoal não invalida o

conjunto que é deveras interessante, com desenhos muito expressivos. Foi posta a circular em data própria, já que o «Ano Santo de 1975» pretende ser, além do mais, de renovação e reconciliação que pode ser decisivo e histórico para a humanidade, a viver num mundo preocupado e inquieto.

Ainda no dia 26 do mesmo mês – não há fome que não dê em fartura – apareceu a tradicional emissão «Europa», constituida pelos dois selos que ilustram esta notícia. Como em tempos aqui foi escrito, o tema para este ano é «Pintura», tendo os nossos responsáveis, numa decisão que consideramos feliz, mandado reproduzir duas grandes obras do nosso património artístico, uma de autor desconhecido do século XII, que mostra um fragmento da iluminura do Manuscrito de Lorvão que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, representando um dos «Cavaleiros do Apocalipse» e a outra do quadro com o retrato do poeta Fernando Pessoa, obra ímpar do grande mestre dos nossos dias que foi Almada Negreiros. Esta última obra-prima, que se encontrava numa das paredes de uma conhecida casa comercial da Baixa lisboeta, foi muito discutida no fim da década de 60, dado que foi leiloada e adquirida por mil e duzentos contos por um anónimo que, em seguida, a ofereceu à Câmara Municipal de Lisboa.
Os selos, na verdade magníficos, de muito interesse particularmente para os interessados nos temas «Europa» e «Pintura», mereciam, em nossa opinião, ter sido apresentados em dimensão um pouco maior o que, sem dúvida, os valorizava ainda mais. De qualquer forma e concluindo, supomos estar em presença de dois selos que dignificam a filatelia nacional.

FILATELIA NO MUNDO – SELOS DE CUBA

Um amigo, a quem renovamos os nossos agradecimentos, ofereceu-nos recentemente um lote de selos de Cuba, dos quais escolhemos dois para ilustrar este apontamento. Pertencem a séries co-

memorativas do «Aniversário da Morte de Salvador Allende» e da «Visita de Leonid Brezhnev» àquele país. Selos perfeitos e muito atraentes, integram-se totalmente no panorama filatélico que Cuba nos tem oferecido nos últimos anos, nos quais é notório o cuidado que lhes é dispensado pelos encarregados da sua emissão. Com efeito, todos os elementos que definem uma válida e autêntica filatelia estão sempre claramente patentes nestes selos, o que é confirmado pela aceitação mundial que lhes é dispensada. Temos para nós que este processo é na verdade aquele que compreende a autenticidade dos selos postais como valioso contributo para a elevação artística, histórica, cultural e de divulgação do querer de um povo.

G. Brandão
2.º-ten. SG

Curiosidades

Os Maiores Navios do Mundo

MERCANTES

NAVIOS DE PASSAGEIROS – O maior ainda em serviço (o problema de continuar ou não está em estudo) é o francês «FRANCE» (1942), com 66 348 tons., 315,52 metros de comprimento e 31 nós de velocidade de cruzeiro.
O maior que existiu até hoje foi o inglês «QUEEN ELIZABETH», com 83 673 tons. e 314 metros de comprimento. Fez serviço de 1940 a 1970, data em que foi levado para Hong-Kong para servir de Universidade flutuante de marinha. Foi destruído por incêndio em 1972.
NAVIOS TANQUES – O maior é o japonês «GLOBTIK LONDON» (1973), com 483 939 tons. e 378,8 metros de comprimento. Este navio tem o maior hélice do Mundo com 9,19 metros de diâmetro e pesando 58 tons.
A Shell tem dois em construção em St. Nazaire, França, para entrega em 1976, que deslocarão 540 000 tons.
NAVIOS DE CARGA – O maior de carga seca é o sueco «SVEALAND», com 280 000 tons., 337,71 metros de comprimento e 56 metros de boca.
NAVIOS DE VELA – O maior que foi construído até hoje foi o francês «FRANCE II» de 5806 tons., lançado ao mar em Bordéus em 1911. Era uma barca de cinco mastros. O seu casco em aço media 127,4 metros de comprimento. Afundou-se em 1922.

DE GUERRA

COURAÇADOS – Os maiores em serviço são os americanos «IOWA» (1943) e o «MISSOURI» (1944), respectivamente de 57 950 e 58 880 tons., ambos com 270 metros de comprimento.
Os maiores construídos até hoje foram os japoneses «YAMATO» (1941) e «MUSACHI» (1941), de 72 809 tons. de deslocamento, o primeiro afundado por aviões americanos em 7 de Abril de 1945 a SW de Kyuchu, Japão, e o segundo por 11 bombas e 16 torpedos em 24 de Outubro do mesmo ano no mar das Filipinas. Tinham ambos 263 metros de comprimento.
PORTA-AVIÕES – O maior é o americano «NIMITZ» (1973) com 95 100 tons. e 315,8 metros de comprimento. É também o navio de guerra de maior tonelagem do Mundo. O mais comprido é o «ENTERPRSIE» (também dos EUA) com 335,7 metros.

Curiosidades Navais

A companhia japonesa de construção Penta-Ocean anunciou ter obtido um contrato, no valor de 50 600 milhões de ienes, para alargar o Canal do Suez por forma a permitir a passagem de navios de 150 000 t dw. Os trabalhos, caso o contrato se realize, começarão no fim do segundo semestre de 1975 e prolongar-se-ão por três anos e meio.

O estaleiro Blohm & Voss decidiu construir por um custo de 66 milhões de marcos, uma doca flutuante de 300 metros de comprimento e 52 de largura que permitirá a reparação de navios até 230 000 t dw. Com esta doca, Hamburgo tornar-se-á um dos portos da Europa melhor equipados para a reparação de grandes navios.

Está prestes a concretizar-se um processo que resolverá muitas das dificuldades associadas ao carregamento e descarregamento de petróleo no Mar do Norte e a superar os perigos da poluição provenientes de derrames.
Segundo os testes levados a efeito, ficou provado ser possível até mesmo para os maiores petroleiros, amarrados pelo sistema Annasbridge WK, carregar petróleo bruto nos locais desprotegidos dos campos petrolíferos marinhos.

Segundo informações dignas de crédito, está em projecto a construção em Liège de um porto coberto, para mercadorias gerais que necessitem de cuidados especiais. O investimento a realizar será da ordem dos 150 milhões de francos, prevendo-se a participação do sector privado.

O Governo de Hong-Kong tenciona equipar o porto com uma cadeia de radar e televisão a fim de melhorar o tráfego portuário. Tendo em conta o tráfego de mercadorias e passageiros, este porto ocupa o 8.º lugar na lista mundial dos portos, no que respeita à movimentação de tonelagem.

(In «Boletim Analítico» da D. G. M: C.)

O navio mais rapido do mundo é o «Hidrofoil Sub-Chaser» H. M. C. S. «BRAS D'OR», da Armada do Canadá (1967) de 180 tons. e 45,96 metros de comprimento. Em 17 de Julho de 1969, ao largo de Halifax deu 70.2 milhas por hora.

A mais alta velocidade atingida por um destroyer foi de 45.02 nós pelo destroyer francês «LE TERRIBLE» em 1935.

Em submarinos, os mais rápidos são os nucleares americanos da classe «SKIP JACK», que dão 35 nós e, supõe-se serem capazes de fazer 45 em imersão.

A mais alta velocidade feita num navio à vela supõe-se ter sido de 22 nós, em 4 quartos consecutivos, pelo «LANCING» – 4 mastros e 36 velas – em rota para Melbourne em 1890/91.

A mais lenta viagem no mar parece ter sido a do «RED ROCK», que foi julgado perdido, quando demorou 112 dias para andar 950 milhas no mar de Coral (menos de 0.4 milhas por hora!).

A mais rápida travessia do Atlântico foi feita pelo «UNITED STATES» em 3 dias, 10 horas e 40 minutos em Julho de 1952, de New York para o Havre e Southampton, à média de 35.59 nós.

Em imersão a mais rápida travessia do Atlântico foi feita em 6 dias, 11 horas e 55 minutos, pelo submarino nuclear americano «NAUTILUS», entre Portland e New York (1958 milhas), em Agosto de 1958.

Reportagem

20.ª REUNIÃO DO CURSO DE ALISTAMENTO DE ALUNOS MARINHEIROS DE 1933

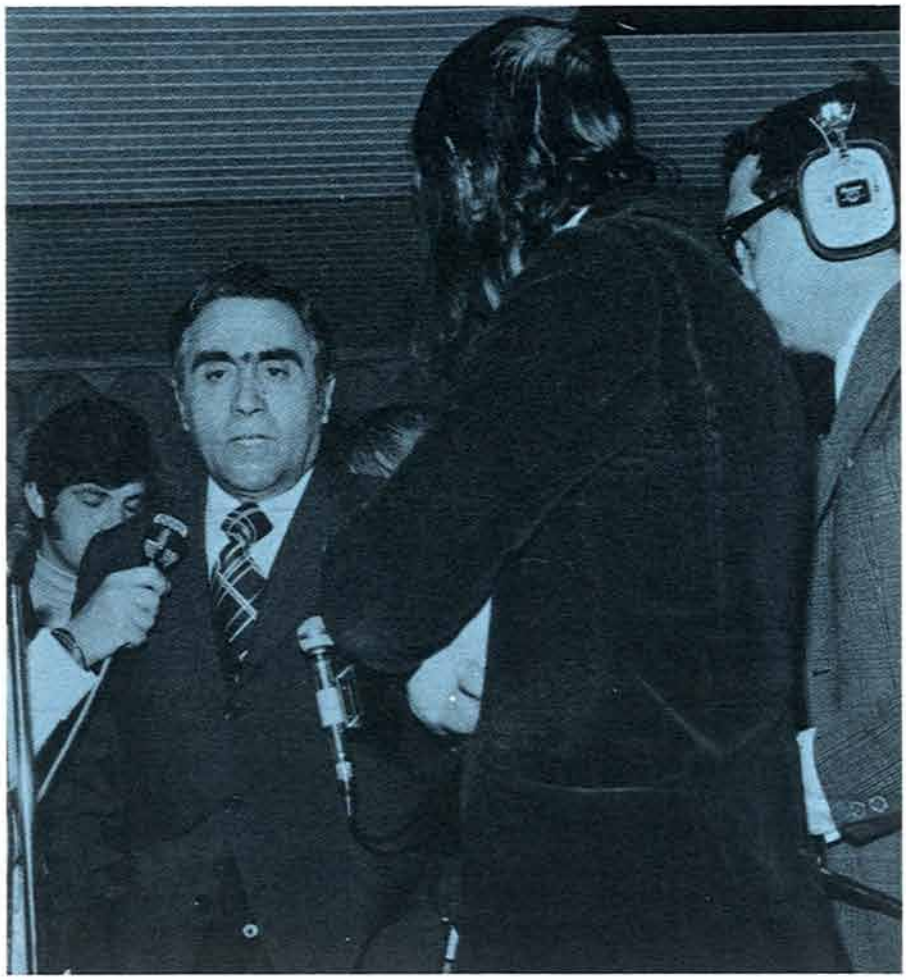
No passado dia 4 de Maio realizou-se a 20.ª reunião dos alunos marinheiros de 1933. A velha camaradagem, retemperada por muitas vicissitudes, ficou bem estampada nos apertados abraços que entre si se deram ao encontrarem-se, mais uma vez, os «velhos e briosos filhos da escola».
Feita a concentração junto do Museu da Marinha, dali seguiram para a igreja do Bom Sucesso onde o capelão graduado em 1.º tenente Delmar Barreiros celebrou missa pelos alistados falecidos e pelo seu patrono almirante Gago Coutinho.
Em momento próprio o capelão Delmar usou da palavra para enaltecer a profunda amizade que liga os elementos do alistamento de 1933, amizade essa que constitui exemplo a seguir por todos quantos crêem que é na unidade e na comunhão de esforços que se constrói algo forte e valioso.
Pelas 11 horas efectuou-se uma romagem ao cemitério dos Prazeres, onde sobre a campa de Gago Coutinho foi depositada uma coroa de flores, símbolo da homenagem colectiva dos «filhos da escola» de 33, à qual se associou a homenagem particular de uma prece silenciosa.

Para enaltecer a figura do patrono do curso usou da palavra o antigo aluno n.º 6159, Horácio da Saúde Teixeira.

Finalmente, no restaurante «A Floresta», no Ginjal, teve lugar o almoço de confraternização, onde não faltaram os costumados brindes.

Foram cerca de centena e meia de oficiais, sargentos e praças, alguns acompanhados de suas esposas, que viveram, em pleno, um dia de verdadeira amizade.

Lição a copiar; lição a seguir.



O CHEFE DO ESTADO MAIOR DA ARMADA EM BRUXELAS

Deslocou-se a bruxelas, de 10 a 24 de Maio, o chefe do Estado Maior da Armada, vice-almirante Pinheiro Azevedo, a fim de participar numa reunião a alto nível em representação do chefe do Estado Maior General das Forças Armadas e como membro do Conselho da Revolução e responsável dos assuntos de defesa.

O chefe do Estado Maior da Armada teve também oportunidade de assistir na capital belga à 59.ª reunião da Comissão Militar da Organização do Tratado do Atlântico Norte e ainda ao exercício «Shapex 75», que decorreu em Mons.

Da delegação portuguesa fizeram parte além de outros oficiais da DELNATO o capitão-de-fragata Rodrigues Consolado, adjunto da 3.ª Divisão do EMGFA, e o primeiro-tenente Pires Neves, ajudante de ordens do chefe do Estado Maior da Armada.

GRAVE ACIDENTE DE VIAÇÃO COM UMA TURMA DUM CURSO DE ITE DE FUZILEIROS

Três segundos-grumetes mortos e dez feridos, alguns dos quais gravemente, eis o balanço do acidente de viação ocorrido cerca das 23 horas do passado dia 15 de Maio, na estrada Coina-Barreiro, em que uma carrinha Ford,

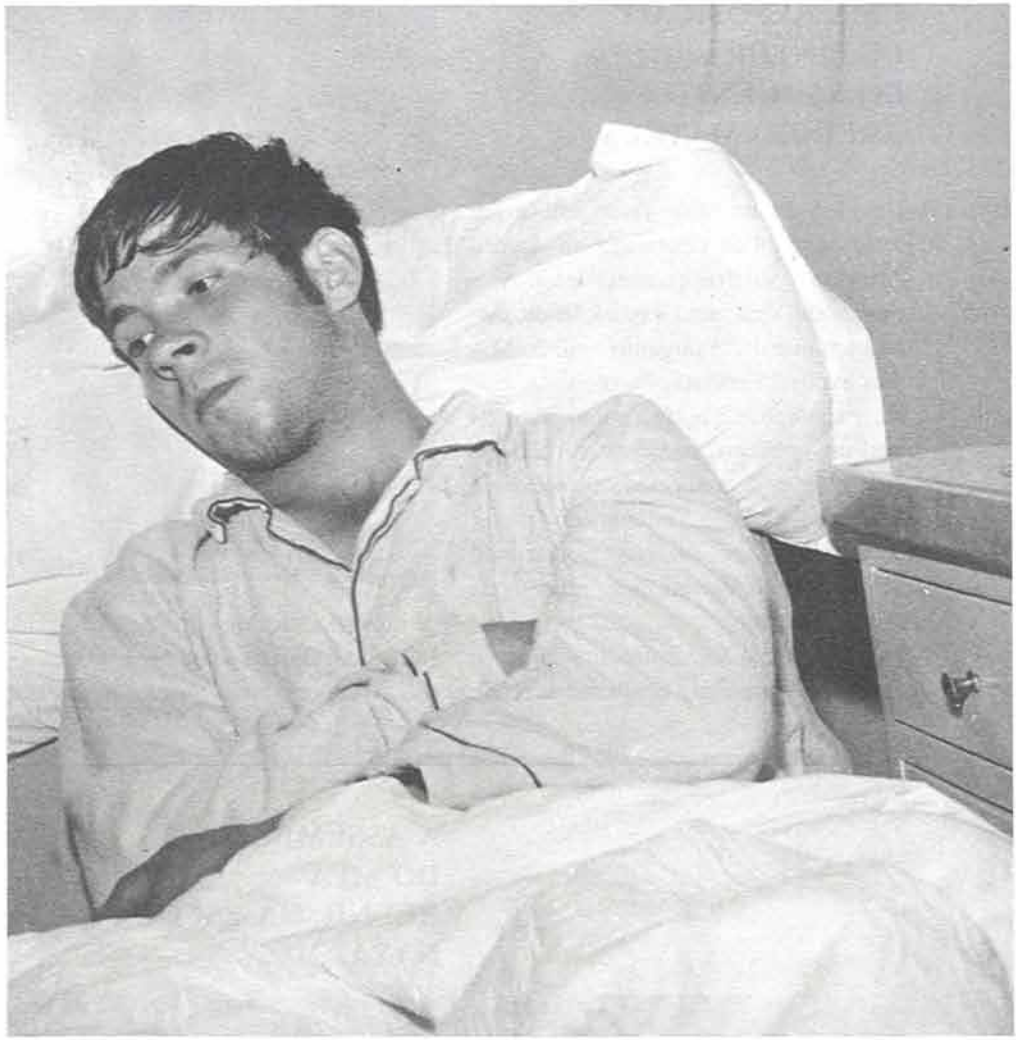
civil, colheu uma turma do curso de Instrução Técnica Elementar (ITE) de fuzileiros quando regressava à respectiva Escola, em Vale do Zebro, após um exercício de marcha nocturna de 11 quilómetros.

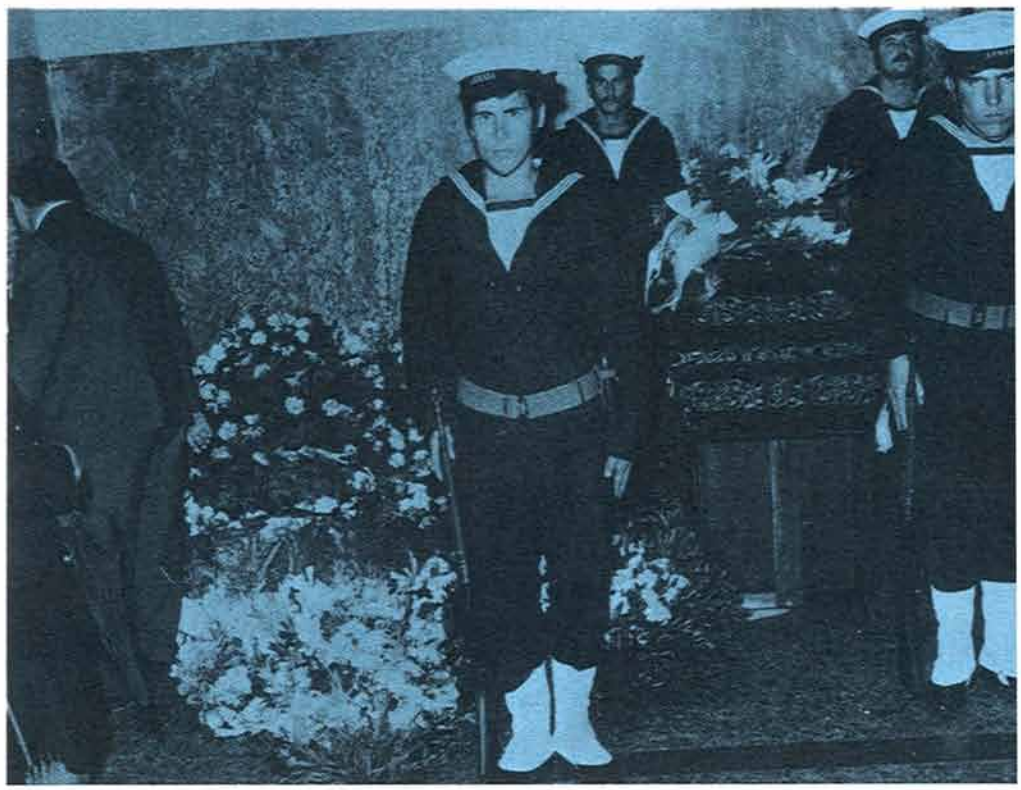
A «Revista da Armada» esteve no Hospital da Marinha, onde foram internados os feridos, a ouvir um dos sinistrados, 2.º-gr. FZ Abílio Cardoso Correia, que nos relatou que a turma a que pertencia, composta por 36 alunos, evoluia pelo lado esquerdo e fora da estrada e, como é habitual nestes exercícios, utilizava braçadeiras luminosas.

A viatura causadora do desastre circulava a grande velocidade, tendo sido avisada para abrandar a marcha por um sargento que se encontrava a cerca de 40 metros da frente da turma e que teve de se atirar para fora da estrada para não ser colhido.

É a seguinte a identidade das 13 praças apanhadas pela carrinha:

2.º-gr. FZ 801/75, Jaime Duarte Neto; 2.º-gr. FZ 796/75, Octávio Rodrigues Pinto; e 2.º-gr. FZ 794/75, Manuel Luís Rodrigues, mortos. 2.º-gr. FZ 1312/74, António Ribeiro Afonso; 2.º-gr. FZ 706/75, Carlos Manuel Valente Rialeiro; 2.º-gr. FZ 739/75, António Eduardo Pais Campos; 2.º-gr. FZ 747/75, Carlos Manuel Esteves Figueiredo; 2.º gr. FZ 771/75, José Albuquerque S. Quina; 2.º-gr. FZ 776/75, Abílio Cardoso Correia; 2.º-gr. FZ 778/75, Sérgio da Silva Gamaça; 2.º--gr. FZ 779/75, Nélson Lopes Soares; 2.º-gr. Fz 818/75, Serafim de Jesus L. Ferreira; e 2.º-gr. FZ 825/75, Alfredo Borges Martins.





Os funerais realizaram-se nos dias 18, 19 e 28 de Maio para as respectivas terras de naturalidade, nas quais foram prestadas as devidas honras da Ordenança.

A fotografia do funeral que publicamos refere-se ao do grumete Pinto, no qual esteve presente o vice-chefe do Estado Maior da Armada, contra-almirante Marques Abrantes, em representação do chefe do Estado Maior da Armada, ausente em Bruxelas, a participar na 59.ª reunião da Comissão Militar NATO.

Incorporaram-se nos funerais oficiais, sargentos e praças e representações da Assembleia de Delegados dos Oficiais da Armada (ADOA), da Comissão Representativa dos Sargentos da Armada (CRSA), da Comissão Dinamizadora do Associativismo de Praças (CDAP), da Escola de Fuzileiros e de sargentos e praças do Exército e da Força Aérea.

UMA EXPOSIÇÃO DE PINTURA DO SARGENTO ARLINDO MATEUS

De 17 a 24 de Maio findo esteve patente ao público ribatejano no Ateneu Artístico Vilafranquense, em Vila Franca de Xira, uma exposição de pintura em que o 2.º sargento Arlindo Mateus expôs 25 trabalhos a óleo.

Na exposição, que foi muito visitada por um público interessado, pôde-se confirmar o já conhecido, no meio em que tem exposto, talento do pintor amador que é o 2.º sargento Arlindo Mateus, traduzido até pelo número de obras vendidas.

Esta exposição foi dedicada ao Povo e às Forças Armadas, conforme se pôde deduzir do catálogo distribuido, onde se lia: «Gostaria de dedicar esta exposição à dupla «Povo/Forças Armadas», com a grande honra de a ela estar ligado, como pintor do Povo e como elemento das Forças Armadas.

A ASSEMBLEIA DO MFA REUNIU NA ESCOLA NAVAL

No dia 19 de Maio passado, reuniu no auditório da Escola Naval, no Alfeite, sob a presidência do Chefe do Estado, general Costa Gomes, a Assembleia do MFA para analisar e tratar de assuntos de interesse para a vida do País, a que

se refere o comunicado distribuido no fim da sessão, cujo texto é do seguinte teor:

«Conforme a ordem de trabalhos publicamente divulgada, a Assembleia do MFA, reunida no dia 19 de Maio, iniciou-se com uma intervenção do Presidente da República, desenvolvendo uma curta análise sobre política internacional. A repercussão mundial das eleições portuguesas, a situação no Sudoeste Asiático e no Médio Oriente foram os pontos mais salientes.

«Ainda no mesmo ponto da agenda, interveio o ministro da Comunicação Social, comandante Correia Jesuino, que relatou os aspectos mais relevantes da sua visita oficial aos E.U.A. Destacou os contactos que teve com personalidades do Governo norte-americano, os contactos com os meios de informação e universitários e bem assim os encontros que efectuou com comunidades portuguesas ali radicadas. Quanto a este último aspecto salientou a hostilidade de que por vezes foi objecto, observando os condicionalismos vários que a justificam, entre os quais avultam as distorsões de informação a que tais comunidades se acham sujeitas e que constituem uma barreira onde o espírito do 25 de Abril dificilmente penetra. Referiu o convite que lhe foi feito, extra-programa, para visitar as instalações da C.I.A., onde foi recebido pelo general Walters, que, insistentemente, pretendeu sugerir a não ingerência desse organismo nos assuntos internos portugueses.

«Coube ao ministro do Planeamento e Coordenação Económica, dr. Mário Murteira, expor à assembleia a situação económica portuguesa, bem como a preparação dos documentos fundamentais que orientarão a nossa economia a curto e médio prazo. A assembleia ouviu interessadamente essa exposição, participou efectivamente no debate esclarecedor que se seguiu, ficando particularmente sublinhada a necessidade de uma planificação que coordene e articule iniciativas das massas trabalhadoras.

«Foi, seguidamente, apresentada pela Comissão Coordenadora do Programa do MFA em Angola uma longa e pormenorizada exposição sobre a descolonização e o caso específico em Angola, a caracterização das forças em presença e as perspectivas de evolução. A assembleia considerou que a situação em Angola se reveste da mais alta gravidade e que a evolução do processo revolucionário português passa por uma solução de independência desse país que impeça a implantação de um novo colonialismo.

«A assembleia considerou ainda poder admitir-se que a ofensiva da reacção e de grupos esquerdistas provocatórios que se verifica neste momento em Portugal visa em primeiro lugar desviar as atenções das autoridades revolucionárias portuguesas do que acontece em Angola. Mais considerou que é urgente e extremamente necessária a mobilização da opinião pública portuguesa para os problemas da descolonização, particularmente em Angola, objectivo este para que se espera a colaboração indispensável das organizações políticas, dos órgãos de Comunicação Social e do povo português em geral. A assembleia reiterou a confiança na actuação das Forças Armadas Portuguesas em Angola, com especial apreço pela sua serena e lúcida acção, assegurando-lhes total apoio do MFA em Portugal.

«Pela sua oportunidade a assembleia apreciou os incidentes ocorridos no último fim-de-semana, provocados pelo MRPP, em que foram envolvidas forças operacionais do COPCON, tendo aprovado o comunicado de ontem, emitido por este comando, onde é salientado o carácter divisionista e contra-revolucionário do referido agrupamento. mento.

«Segundo a ordem de trabalhos, foi analisada a evolução política desde 11 de Março, com especial incidência na construção do socialismo em Portugal. A assembleia considerou dever reflectir-se nos aspectos mais intimamente ligados à independência nacional e às hipóteses possíveis de estrutura de desenvolvimento na nova sociedade portuguesa a construir. Factos mais salientes do 1.º de Maio e sua interpretação foram a seguir objecto de algumas intervenções, tendo a assembleia considerado que o MFA deve intensificar as suas ligações directas com todas as estruturas de participação popular em fase de arranque, tais como comissões de bairro, de moradores, de trabalhadores, etc., como forma de consolidação da aliança Povo-MFA e de superação das divisões partidárias na luta comum para a batalha da produção e da efectiva construção do socialismo e da sua defesa revolucionária.

«Pelo presidente da comissão de inquérito ao 11 de Março, foi esclarecida a assembleia sobre o andamento dos seus trabalhos. Por proposta do Conselho da Revolução foi aprovado um voto de louvor ao excelente e oportuno trabalho já realizado e reiterada confiança à comissão.

«Discutidos em seguida aspectos relacionados com o Tribunal Revolucionário, a assembleia aprovou a sua constituição que será a de um presidente, oficial general; dois vogais, oficiais superiores; um auditor, juiz de direito, togado, todos estes elementos a designar pelo Conselho da Revolução. A existência de um júri, constituído por doze elementos efectivos e seis suplentes, a nomear pela assembleia do MFA, sendo os efectivos — do Exército, quatro oficiais, um sargento e uma praça; da Força Aérea, um oficial, um sargento e uma praça; e da Armada, um oficial, um sargento e uma praça.

«Dado o adiantado da hora foi aprovada a transferência, para uma assembleia extraordinária, dos dois últimos pontos da agenda (tarefas das Forças Armadas; integração no espírito do MFA; eficiência e disciplina militares; acção cívica das Forças Armadas; e questões internas do MFA).

«Por fim entrou-se na discussão do último ponto, o n.º 8, que visava analisar a consolidação da aliança Povo-MFA, objectivamente a ligação das estruturas do MFA às estruturas populares focadas já noutro passo da reunião e já também referidas neste comunicado. Assim, começou a ser analisada uma perspectiva de estrutura eventualmente a considerar no projecto de reconstrução nacional que assenta em órgãos já existentes, a partir do Conselho da Revolução, da Comissão Dinamizadora Central da 5.ª Divisão e das assembleias de delegados das unidades e outros eventualmente a formar.»

ELEITOS OS PRIMEIROS SÓCIOS HONORÁRIOS DO CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA

Em assembleia geral extraordinária, realizada no passado dia 24 de Maio, o Clube do Sargento da Armada elegeu, por aclamação, os seus primeiros sócios honorários — vice-almirante Pinheiro Azevedo, chefe do Estado Maior da Armada, e os primeiros-tenentes Viegas Filipe e Vidal Pinho —, por proposta dos respectivos Corpos Gerentes, fundamentada nos altos serviços prestados e apoio dado para que o Clube do Sargento fosse uma realidade assim como a instalação da sua sede.

Na mesma assembleia foram alterados os estatutos do Clube e eleito, em função das alterações havidas, para vice-presidente da Direcção o 1.º sargento R José Maria Valente Teixeira.

VISITA A LISBOA DE UMA FORÇA NAVAL DA STANAVFORLANT

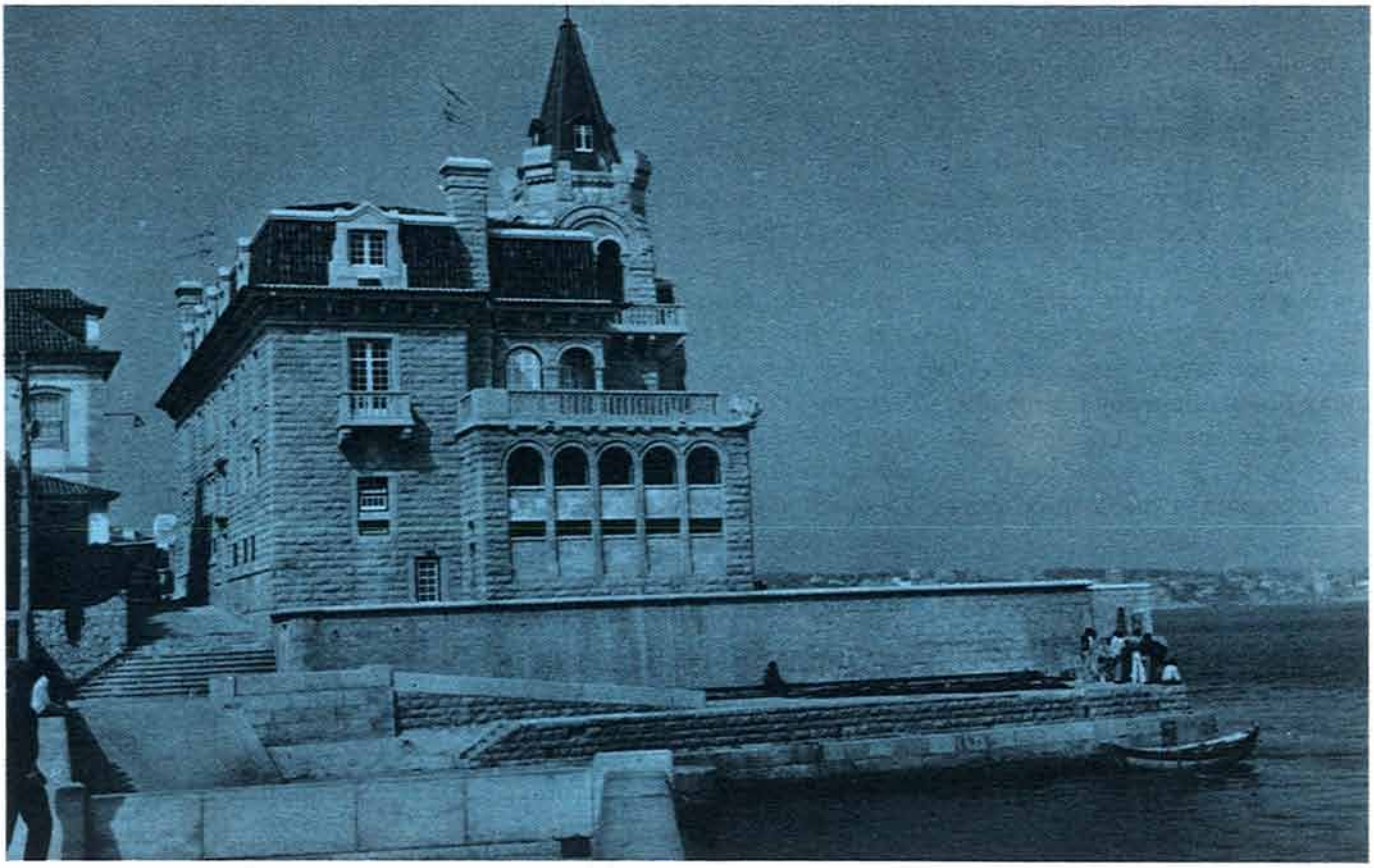
De 28 de Maio a 3 de Junho permaneceu entre nós uma força naval da STANAVFORTANT composta pelos navios «Edward MacDonnell» dos Estados Unidos da América, «Luebeck» e «Frankenland» da República Federal da

Alemanha, «Bacchante» e «Argonaut» da Grã-Bretanha, «Van Ness» dos Países Baixos, «Bergen» da Noruega e «Fraser» do Canadá, sob o comando do comodoro Arie C. A. Sigmond, embarcado a bordo do USS «Edward MacDonnell».

Esta força, em que se integrou a fragata portuguesa «Almirante Gago Coutinho», realizou ao largo da nossa costa, de 26 a 28 de Maio, exercícios conjuntos de forças NATO.

O comandante da força apresentou cumprimentos ao representante do chefe do Estado Maior General das Forças Armadas e ao chefe do Estado Maior da Armada, vice-almirante Pinheiro Azevedo, e visitou o quartel General do Iberlant em Oeiras.

Algumas recepções e competições desportivas assinalaram a presença dos marinheiros desta força em Lisboa, cuja estadia tinha como objectivo principal o descanso das respectivas guarnições e reabastecimento dos navios.



ENTROU EM FUNCIONAMENTO A MESSE DA CAPITANIA DE CASCAIS

No Palácio Seixas, em Cascais, entrou em funcionamento a Messe da Capitania de Cascais, que poderá ser utilizada por oficiais, sargentos e praças da Armada, seus familiares e convidados, bem como oficiais do activo do Exército e da Força Aérea e seus familiares.

O horário de funcionamento da Messe, para o serviço de restaurante, é o seguinte: Almoço — das 13.00 às 15.00 horas; jantar — das 19.30 às 21.30 horas. O serviço de bar funciona das 11.00 às 24.00 horas. No restaurante não haverá marcações de mesa e a respectiva sala encerra meia hora antes do final das refeições.

O Palácio Seixas foi doado à Armada por Henrique Maufroy de Seixas, que além deste magnífico edifício também deixou à Marinha de Guerra valiosas colecções de objectos náuticos; modelos de embarcações, sobretudo de pesca e recreio e numeroso ficheiro fotográfico evocando episódios antigos que podem ser observados no Museu de Marinha.

Quarto de Folga

UMA HISTÓRIA ACERCA DE UM MARINHEIRO M, A QUEM CHAMAVAM «PEZINHOS»

Tenho lido com muito interesse as rabugices do «Pezinhos», cabo M, e a propósito lembrei-me desta história, bastante velha, mas autêntica:

Havia um marinheiro M a quem chamavam «Pezinhos» (será o actual «Pezinhos» da Revista?), que fazia serviço no Corpo de Marinheiros.

Um dia, numa mostra geral, o Comandante do Corpo ao passar revista à formatura estacou diante duma praça que estava muito afastada do seu camarada da esquerda.

– «Toca para a esquerda», ordenou.

Mas a praça referida nem se mexeu. Em correcta posição de sentido, calcanhares unidos, peito saliente, barriga para dentro, queixo levantado e olhar fixo em frente, limitou-se a apontar com o dedo para baixo e para a esquerda.

– «Tens razão», disse o Comandante, prosseguindo.

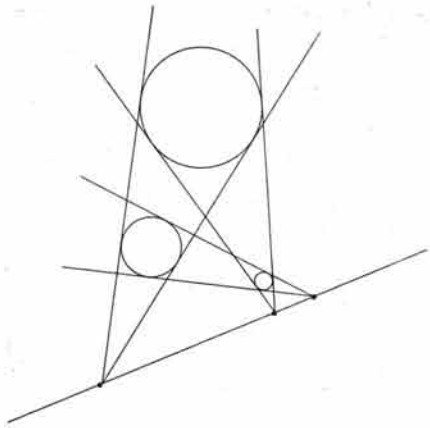
É que o tal da esquerda era o «Pezinhos», que calçava n.º 47 e que, também em sentido, fazia um V muito aberto com os pés...

I. Galante
1.º-sarg. A

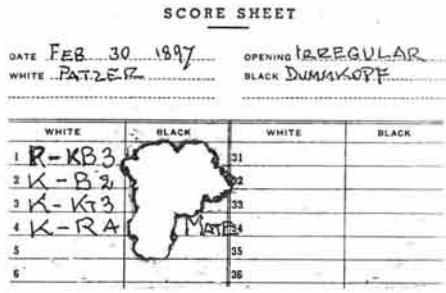
PROBLEMAS PARA ENTRETER

Da publicação anteriormente citada apresentamos hoje mais dois problemas.

3. – Desenhem-se três circunferências de três tamanhos diferentes



e sem se intersectarem. Tracem-se as tangentes exteriores das circunferências duas a duas. Os pontos de intersecção destes pares de tangentes estão sobre a mesma linha recta. Será capaz de encontrar uma prova elegante deste teorema? (ver a figura). A mais elegante de todas é aquela que deixa o plano do papel para se desenvolver a três dimensões. Irá lá com esta «deixa»?...


SCORE SHEET

DATE FEB 30 1897 OPENING IRREGULAR

WHITE PATZER BLACK DUMMKOPF

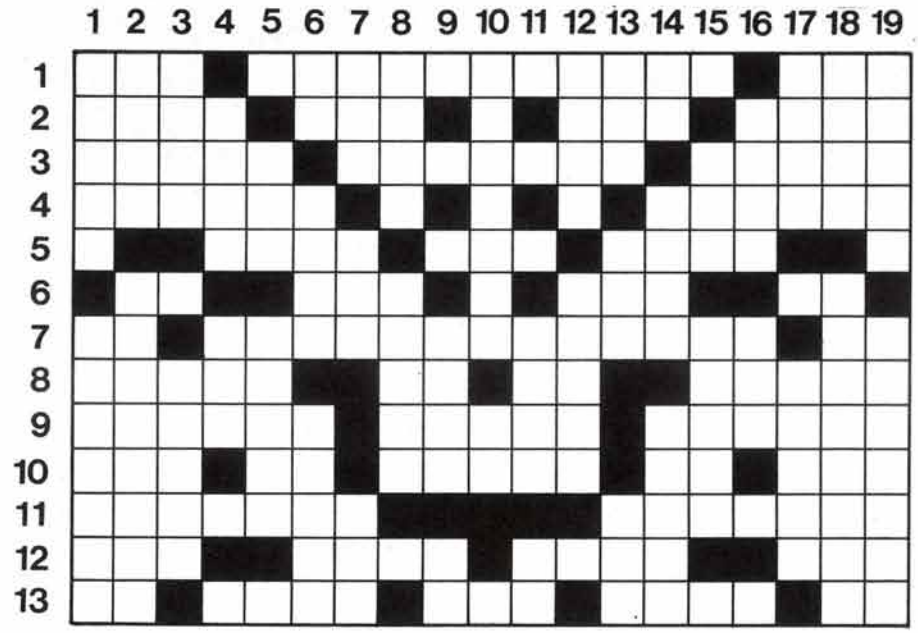
	WHITE	BLACK		WHITE	BLACK
1	R-KB3		31		
2	K-B2		32		
3	K-K3		33		
4	K-R4		34	MATE	
5			35		
6			36		

4. – A figura mostra a folha de registo de um jogo de xadrês feito num clube alemão em 1897. Como se vê, uma ponta de cigarro ou coisa que o valha queimou a folha e fez-lhe um buraco que obliterou as jogadas das pretas que acabaram por ganhar à quarta jogada. É capaz de reconstituir o jogo?

(Soluções no próximo número)

O. Lemos
Cap.-frag.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 – Rio da Rússia; audaz; altar. 2 – Plano; ice; animal doméstico; querer muito. 3 – Mil duzentos e dois; vila do concelho do distrito de Castelo Branco; cheiro. 4 – Fez tremer (inv.); ma-

lharam. 5 – Escute; prefixo de repetição; esticada. 6 – Pena; reza; tom; sufixo de negação. 7 – Acusada; faltas de desenvolvimento; prefixo de direcção. 8 – Verão; nota musical (inv.); sufixo de profissão; resiste. 9 – Mulheres da Córsega; roer; saís. 10 – Poema; oferece; dou alento; s.q. da prata; faz subir. 11 – Rira; despertar. 12 – Época; órgão essencial da visão; rota; três letras de armas. 13 – Letra grega; calculo; qualquer; burro; ditongo nasal.

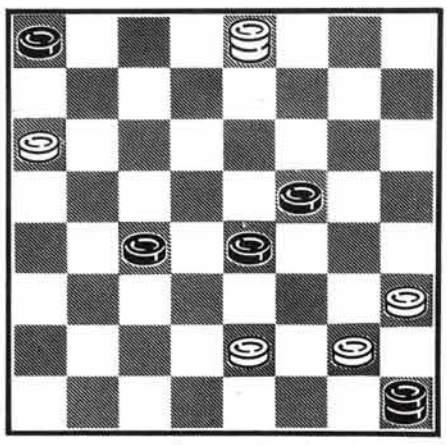
VERTICAIS: 1 – Cidade da Índia conhecida por Vasco da Gama; cozer duas vezes. 2 – Deus do vinho; o mesmo que desodorizo. 3 – Chamariz (fig.); abane. 4 – Metal precioso; gritos de dor. 5 – Pau-ferro; cadência. 6 – Siga; ave de rapina; ruborizas (inv.) 7 – Anel; argola; iço. 8 – Em ele; reajuste. 9 – Magnete; alternativa. 10 – Usa; pronome pessoal. 11 – Macem; batráquio. 12 – Soa; pequeno monte. 13 – Seguias; abreviatura de tonelada; quer muito. 14 – Letra grega; comboio (inv.); residências opulentas. 15 – Contracção prep. e artigo; santo a que é dedicado um templo. 16 – Superfície; ente. 17 – Grande afeição; a contar com. 18 – Ramagem; cogitara. 19 – Fio metálico; tiro a bola.

Agostinho Fardilha
Ex-mar. L

(Solução na pág. 34)

DAMAS

(Solução na pág. 34)



As brancas jogam e ganham.

CONCURSO N.º 46

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

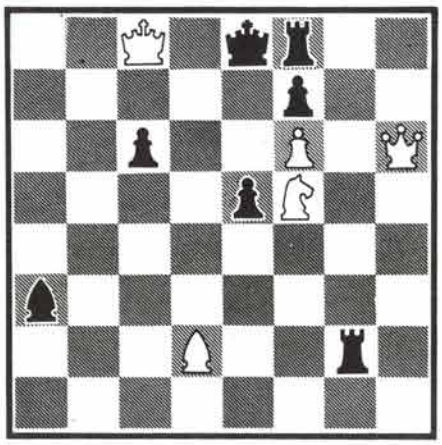
T R A N T S B C O T I O T D C R I T A R
I O S S E R O D A C I F I L P M A R A M
V I S O T A S R A R O L S F O A L M N O
A R O T I N S O L A T S I R C T S T A T
O A T A O A E I L O T S O G O E O R O S
S T O T N T R O L A S O R I S R R I T A
T A S I E O O T I R U G O H S O T B U I
A S A T R S D S S O A R O I X S L U A T
O S L O A I A R E S I S T E N C I A S A
E O U S O A M D R U A I A J A I F L L S
T R V V A L R X O V U L O L B N I T O M
N O L A S T O R D E M G S K C T S O T A
A X A V A I F O A L A R M S E N I B O B
L U V S T O S I S O S A I I S T O F O I
A B O Q U E N T N A O N S T A N E T N A
F A P X O S A T E T N T O A D O I R R O
O M R D I A R O D E T E C T O R T E P S
T O S T U A T I N E M M O H E I O S I V
L S U V I S A R O R P O R T I A R O S A
A O S M E V A H C R O S T A A T S T O L

Procure em todos os sentidos, menos obliquamente, o nome de 12 componentes que fazem parte de transmissores e receptores de radiotelegrafia.

Basto Carreira
Cap.-m.-g.

– Estas linhas modernas dizem-te alguma coisa?

XADREZ



Jogam as brancas e dão mate em três lances.

SOLUÇÕES

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Soluções dos problemas publicados no número anterior)

1 – Quaisquer que sejam os parâmetros considerados (comprimento inicial da corda, velocidade da lagarta e distensão da corda em cada unidade de tempo) a lagarta chegará ao fim da corda num tempo finito. Isto também se verifica para o caso de uma distensão contínua da corda de razão constante mas é mais fácil analisar o problema se a distensão se processar em saltos de valor dado. Numa primeira análise poderíamos considerar o aumento de comprimento da corda como se a estivéssemos a ver através de lentes de amplificação cada vez maior. Como a lagarta vai progredindo, será que chegará ao extremo da corda? Não necessariamente. Pode-se caminhar sempre para uma determinada meta sem no entanto a alcançar. É por exemplo o caso do paradoxo de Zenão.

No nosso caso, aquilo que a lagarta anda pode ser dado por uma série decrescente de fracções do comprimento da corda. A série poderá ser infinita e convergir num ponto muito aquém do fim da corda. Na realidade é este o caso quando a distensão se faz de forma a dobrar o comprimento em cada segundo.

No nosso caso, contudo, a lagarta consegue chegar ao fim...

Cada quilómetro tem 100 000 centímetros e ao fim do primeiro segundo a lagarta andou 1/100 000 do comprimento da corda. Durante o segundo que se segue, a lagarta anda (do ponto em que estava após a distensão) uma distância igual a 1/200 000 do comprimento da corda depois desta se distender para 2 quilómetros. Durante o terceiro segundo andará 1/300 000 do comprimento da corda (agora com 3 quilómetros) e assim sucessivamente. O avanço da lagarta é dado pela série

$$1/100\,000 + 1/200\,000 + \\ + 1/300\,000 + ... 1/n \times 100\,000$$

ou seja, noutra forma

$$1/100\,000 \left(1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + ... \frac{1}{n}\right)$$

em que *n* será o número de segundos.

A série dentro do parêntesis é a conhecida série harmónica que, como se sabe, é divergente e portanto pode ter somas parciais tão grandes quanto se queira. As somas parciais da série harmónica nunca são números inteiros. Mas, logo que essa soma ultrapassa os 100 000 aquela expressão será maior que 1 o que significa que a lagarta chegou ao fim da corda. O número *n de termos nesta série* harmónica parcial será o número de segundos decorridos até a lagarta chegar ao fim. Uma vez que a lagarta anda um centímetro por segundo *n* será também o número de centímetros que a corda tem. Este número enorme, com aproximação inferior a um minuto, é dado pela expressão

$$100\,000 - y$$

e ± 1

em que *y* é a constante de Euler. Dá para a corda um comprimento que excede em muito o diâmetro do universo conhecido e um tempo que excede largamente a presente estimativa para a idade do universo. No entanto é uma grandeza finita.

2 – É difícil de acreditar mas a melhor estratégia no jogo dos números inteiros é limitar a escolha aos números 1, 2, 3, 4 e 5. A selecção é feita ao acaso mas com frequência relativa de 1/16 para os números 1 e 5, 4/16 para o número 3 e 5/16 para os números 2 e 4. Podemos levar escondida uma cábula para escolher os números de acordo com aquelas frequências. Dá gozo experimentar!

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Obi; aventureiro; ara. 2 – Raso; ale; cão; amar. 3 – MCCII; Oleiros; aroma. 4 – Uoorta; moeram. 5 – Ouça; bis; tesa. 6 – Do; ora; tom; im. 7 – Ré; atrofiamentos; ad. – 8 Estio; im; or; reage. 9 – Corsas; ratar; partis. 10 – Ode; dá; animo; ag; iça. 11 – Zombara; acordar. 12 – Era; olho; rumo; arm. 13 – Ro; orço; uma; asno; ao.

VERTICAIS: 1 – Ormuz; Recozer. 2 – Baco; desodoro. 3 – Isco; trema. 4 – Oiro; ais. 5 – Itu; toada. 6 – Vá; açor; saroc. 7 – Elo; aro; alo. 8 – Nele; afira. 9 – Iman; ou. 10 – Utiliza; ti. 11 – Moam; rã. 12 – Ecoa; cerro. 13 – Ias; ton; ama. 14 – Ro; mert; paços. 15 – Aos; orago. 16 – Área; ser. 17 – Amor; atida. 18 – Rama; magicara. 19 – Arame; desarmo.

DAMAS

Brancas		Pretas
1.	5 - 10	14 - 5
2.	9 - 13	18 - 9
3.	6 - 11	15 - 6
4.	24 - 28	32 - 23
5.	30 - 20 - 2 e ganham.	

XADREZ

Brancas	Pretas
1. Bb4	Bxb4
2. Dd2, etc.	

SOLUÇÃO DO CONCURSO · N.º 44

No desenho apresentado pode-se ler a frase «Revista da Armada».

VENCEDOR: Venceslau C. Pires, Cabo L 1595/66. C.A.A.C.M.

A LDG «Ariete» encalhada em Buba, na República da Guiné-Bissau, em Agosto último, para desembarcar o material que transportava.

(Foto do 1.º ten. Alexandre da Fonseca)

Face do escudo da bandeira da Companhia dos Guardas-Marinhas, existente no museu da Escola Naval, no Alfeite.
Esta bandeira foi oferecida à Escola Naval por Sua Majestade a rainha D. Maria II em 1846, rezando a tradição ter sido bordada por suas próprias mãos, tendo servido a primeira vez, segundo parece, na apresentação do infante D. Luiz como guarda-marinha em 28 de Setembro de 1846.
Em 1 de Junho de 1904 nela prestou o seu juramento o infante D. Manuel.

(Vide «Efemérides Navais» do n.º 30 da «Revista da Armada», de Março de 1974.)
(Foto do 2.º-sarg. CM Ramiro Magalhães.)